

REDAÇÕES USP 2023

TURMA VI



Medicina
USP - Bauru

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

APRESENTAÇÃO E SUMÁRIO

Oii, Cabritinhos da T7 e aspirantes a caloures de qualquer outro curso. Fizemos uma cartilha somente com nossas redações para que vocês possam se inspirar e escrever a de vocês. Elas estão organizadas em ordem crescente de nota. Esperamos que gostem <3

Proposta de redação FUVEST	3
Redações dos aprovados FUVEST	4
Proposta de redação ENEM	54
Redações dos aprovados ENEM	55

PROPOSTA DE REDAÇÃO - FUVEST

REDAÇÃO

Texto 1:

As últimas décadas vêm sendo marcadas por diversas crises humanitárias a acometer diversas partes do globo, sejam elas guerras, desastres naturais ou doenças. Tais crises acabam por ser responsáveis por uma das situações mais graves, complexas e urgentes a serem solucionadas no mundo, que é a crise de refugiados, um dos maiores desafios da história recente. Apesar de as guerras e conflitos terem ganhado certo destaque e relevância como os grandes agentes causadores de tal fenômeno, esses fatores, apesar de importantes, não formam a principal causa de grande parte do êxodo de refugiados. Ao contrário do senso comum, grande parte dos deslocamentos forçados e refúgios no mundo se dão por desastres naturais como alagamentos, terremotos, vulcões ou ciclones.

<https://aun.webhostusp.sti.usp.br/>. Adaptado.

Texto 2:



Texto 3:



Êxodos. Sebastião Salgado.

Texto 4:

Aproximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre à toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinhá Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás?

Vidas Secas. Graciliano Ramos.

Texto 5:

Um relatório do Banco Mundial projeta que até o ano de 2050 poderá haver mais de 17 milhões de latino-americanos (2,6% dos habitantes da região ou o equivalente à população do Equador) deslocados pela mudança climática se não forem tomadas medidas concretas para frear seus efeitos. “Os migrantes climáticos se deslocarão de áreas menos viáveis, com pouco acesso à água e produtividade de cultivos, e de áreas afetadas pela elevação do nível do mar e pelas marés de tempestade”, diz o documento. As áreas que sofrerão o golpe mais duro, acrescenta, são as mais pobres e vulneráveis.

<https://brasil.elpais.com/internacional/>.

Texto 6:

Somos alertados o tempo todo para as consequências das escolhas recentes que fizemos. E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, para salvar a nós mesmos.

Ideias para adiar o fim do mundo. Ailton Krenak. Adaptado.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Refugiados ambientais e vulnerabilidade social.**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 32

(sem terminar o segundo desenvolvimento e sem conclusão)

O capitalismo e sua capacidade de destruir vidas

O capitalismo, consolidado após a Revolução Industrial, disseminou o individualismo em busca do lucro como uma ideologia comum. Entretanto, essa busca incessante pelo lucro trouxe consequências ambientais, as mudanças climáticas, as quais geram os refugiados ambientais. Assim, o capitalismo causa tanto a vulnerabilidade social quanto as mudanças climáticas e elas agravam a vulnerabilidade social dos refugiados ambientais.

Esse modelo econômico atual causa tanto a vulnerabilidade social quanto as mudanças climáticas. Isso acontece porque ele faz com que alguns tenham poder e possam escolher os rumos econômicos. Tal determinação afeta a sociedade como um todo, já que aos assalariados é necessário trabalhar para sobreviver. Um exemplo disso é a agricultura mecanizada, a qual causa desemprego estrutural no campo e deixa os trabalhadores rurais suscetíveis às vontades dos latifundiários, ou seja, vulneráveis, pois eles ficam com áreas de pouco acesso à água e baixa produtividade de cultivos. Além disso, o capitalismo permite que os capitalistas tenham influência nas mudanças climáticas, uma vez que os rumos econômicos determinam a emissão de gases estufa, que agravam o aquecimento global. Um exemplo disso é a produção de automóveis, que mesmo sendo ruim para o meio ambiente, cresce a cada ano. Logo, fica evidente que o capitalismo causa tanto a vulnerabilidade social quanto influencia nas mudanças climáticas.

Consequentemente, as mudanças climáticas geram refugiados ambientais e agravam a vulnerabilidade social. As mudanças climáticas aumentam a frequência e a intensidade dos desastres naturais, causadas por tempestades tropicais e secas prolongadas, o que aumenta o número de refugiados ambientais, que fogem dos desastres. Além disso, os deslocamentos forçados e os refúgios acontecem porque os afetados por crises ambientais não conseguem qualidade mínima para viver onde estavam e eles migram em busca de melhores condições de vida, sem perspectiva para retornar. Entretanto, por essa fuga ser principalmente em países subdesenvolvidos, esses migrantes ficam sujeitos a empregos informais, o que aumenta a vulnerabilidade social, pois

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 32

O capitalismo e sua capacidade de destruir vidas

(Título)

01 O capitalismo, consolidado após a Revolução Industrial, disseminou o individualismo em busca do
02 lucro como uma ideologia comum. Entretanto, essa ^{busca incessante} individualidade e pelo lucro trouxe consequências
03 ambientais, as mudanças climáticas, as quais geram os refugiados ambientais. Assim, o capi-
04 talismo causa tanto a vulnerabilidade social quanto as mudanças climáticas e elas agravam
05 a vulnerabilidade social dos refugiados ambientais.

06 Esse modelo econômico atual causa tanto a vulnerabilidade social quanto as mudanças climáticas.
07 Isso acontece porque ele faz com que alguns tenham poder e possam escolher os rumos econômicos.
08 Tal determinação afeta a sociedade como um todo, ^{tal que} ~~isto~~ aos assalariados é necessário trabalhar
09 para sobreviver. Um exemplo disso é a agricultura mecanizada, a qual causa desemprego estrutural
10 no campo e deixa os trabalhadores rurais, susceptíveis às vontades dos latifundiários, ou seja,
11 vulneráveis, pois eles ficam com áreas de pouco acesso à água e baixa produtividade de cultivos.
12 Além disso, o capitalismo permite que os capitalistas tenham influência nas mudanças climáticas,
13 uma vez que os rumos econômicos determinam a emissão de gases estufa, que agravam o
14 aquecimento global. Um exemplo disso é a ^{produção} ~~construção~~ de ~~carros~~ automóveis, que mesmo sendo
15 rumo para o meio ambiente, cresce a cada ano. Logo, fica evidente que o capitalismo causa
16 tanto a vulnerabilidade social quanto influência nas mudanças climáticas.

17 Consequentemente, as mudanças climáticas geram refugiados ambientais e agravam a vulne-
18 rabilidade social. As mudanças climáticas aumentam a frequência e a intensidade de desastres
19 naturais, causados por tempestades tropicais e secas prolongadas, o que aumenta o número
20 de refugiados ambientais, que fogem dos desastres. Além disso, os deslocamentos forçados e os
21 refúgios acontecem porque os afetados por crises ambientais não conseguem qualidade mínima
22 para viver onde estavam e eles migram em busca de melhores condições de vida, sem perspecti-
23 vas para retornar. Entretanto, por essa fuga ser principalmente em países subdesenvolvidos,
24 esses migrantes ficam sujeitos a empregos informais, o que aumenta a vulnerabilidade
25 social, pois

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 32

O que os olhos não veem, o coração não sente, a invisibilidade dos refugiados

Após a revolução industrial, o meio ambiente passou a ser lido como um recurso a ser explorado, mas não de forma uniforme, de modo que algumas regiões deveriam ser encaradas como centros de tecnologia e “civilização”, enquanto outras, afastadas, seriam concretizadas como áreas de puro e irracional extrativismo. Como consequência, o planeta sofre com os danos desse desmedido abuso e seus sintomas aparecem e tornam-se gradativamente mais intensos. Contudo, em uma realidade que continua a ver o ecossistema com uma lente individualista e exploratória, o mais interessante é seguir com o discurso negacionista, em que os principais sujeitos impactados, os refugiados ambientais, são abandonados e invisibilizados.

Sob tal prisma, há uma clara divisão mundial daqueles que se beneficiam do neoliberalismo e da excludente globalização e aqueles que são explorados, segregando os afetados. Após a Nova Divisão Internacional do Trabalho, os países mais pobres e subdesenvolvidos foram classificados como providenciadores de matéria prima e mão de obra barata, de modo que, devido à baixa força geopolítica e à dependência das grandes transnacionais, têm de se render às baixas restrições ambientais. Destarte, os impactos ecológicos, tal qual a poluição, os grandes deslizamentos de massa, além daqueles provocados pela geolocalização que devem ser somados aos desmatamentos e crise hídrica, ocorrem com maior força e são sentidos de maneira mais intensa em tais países, os quais, por não possuírem grandes recursos relegam a população à vulnerabilidade. Forma-se, portanto, as principais regiões de origem dos refugiados ambientais.

Ademais, como agravante, os países beneficiários da atual dinâmica, são, majoritariamente os detentores das grandes mídias, de modo que tal situação de imigração causada pelos impactos ambientais seja sempre escondida dos olhos do público geral. Conforme Aristóteles, as artes são forma de gerar catarse e, como consequência, a alteridade dos espectadores com os personagens. Todavia, como as unidades federativas com alcance global, capazes de noticiar, criar filmes e séries sobre tal realidade social são também as sedes das grandes multinacionais e lucram com essas, preferem omitir tal condição desses refugiados. Não coincidentemente, a contemporaneidade é marcada pela xenofobia com estes imigrantes, uma vez que suas pautas climáticas e ambientais são invalidadas e, por não alcançarem visibilidade, não conquistam o apoio popular.

Em síntese, foram definidas, desde a revolução industrial, regiões de exploração socioambiental, de modo que, hoje, forme-se um denso grupo de refugiados ambientais. Tal realidade é escondida pelas grandes potências que optam pelo negacionismo e alienação social. Assim, tende-se a um amplo colapso social e ecológico.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 32

O que os olhos não veem, o coração não sente, a instabilidade dos refugiados
(Título)

01 Após a revolução industrial, o meio ambiente passou a ser visto como um recurso a ser exple-
02 tado, mas não de forma uniforme, de modo que algumas regiões deixaram ser encaradas como
03 centros de tecnologia e "civilização", enquanto ^{outras} outras, afetadas, ficaram consideradas como
04 áreas de risco e potencialmente destrutivas. Como consequência, o planeta sofreu com ^{ou dentro} ~~as~~ ^{de} ~~con-~~
05 dições de degradação ambiental, e seus sistemas passaram a tornarem-se gradativamente mais instáveis.
06 Contudo, em uma realidade que continua a ser o resultado de um desenvolvimento individualista e ex-
07 ploativo, o maior instrumento a seguir com o desenvolvimento tecnológico, em que os principais su-
08 jetos impulsionados, refugiados ambientais, não abandonaram a instabilidade.

09 Sob tal prisma, há uma clara divisão mundial daqueles que se beneficiam de melhores
10 condições de vida, da crescente globalização, e aqueles não explorados, marginalizados e afetados. Após a
11 nova divisão Internacional do Trabalho, os países mais pobres e subdesenvolvidos foram
12 classificados como produtores de matéria-prima e mão de obra barata, de modo que, devido
13 à menor força produtiva e à dependência das grandes transnacionais, têm de se manter
14 em condições precárias ambientais. Destarte, os impactos ecológicos, tal qual a poluição, os grandes
15 desastres naturais de massa, além daqueles provocados pela globalização que devem ser evitados
16 ao desenvolvimento, estão ficando, porém, com maior frequência e não sentindo de maneira mais instá-
17 vel os impactos, os quais, por não possuírem grandes recursos, relegam a população à instá-
18 bilidade. Assim, portanto, os principais sujeitos de origem dos refugiados ambientais.

19 Ademais, como consequência, os países beneficiários da atual dinâmica, não, majoritariamente, os detenta-
20 res das grandes mídias, de modo que tal situação de migração causada pelos impactos ambientais se
21 fa sempre escondido dos olhos do público geral. Conforme Aristóteles, os olhos não forma de que
22 catarse e, como consequência, a atitude dos espectadores com os personagens. Todavia, como
23 as unidades federativas com alcance global, capazes de notícias, crises financeiras e crises sobre tal
24 realidade social não também as redes das grandes multinacionais, ^{lucram} ~~beneficiam~~ com isso, preferi-
25 rem tal condição desses refugiados. Não consequentemente, a contemporaneidade é marcada pela
26 tecnologia com estes impactos, uma vez que suas práticas climáticas e ambientais não são
27 limitadas e, por não alcançarem estabilidade, não conquistam o apoio popular.

28 Em síntese, foram definidos, desde a Revolução Industrial, sujeitos de exploração socioambiental, de modo
29 que hoje, forma-se um novo grupo de refugiados ambientais. Tal realidade é ocasionada pelas grandes
30 potências que optam pelo capitalismo e alianças locais. Assim, trata-se de um simples ciclo social e ecológico.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 34,5

Mudanças climáticas e a desigualdade social

Refugiados climáticos é o termo usado para denominar indivíduos que são forçados a se deslocarem devido a fatores ambientais. Esse deslocamento, internamente ou para fora do país, pode ser causado pela intensificação de uma condição pré-existente ou pela ocorrência de uma mudança inesperada no clima local, as quais deixam a população vulnerável. Dessa forma, a intensificação dos eventos climáticos extremos e a desigualdade sobre quem são os mais afetados são fatores que influenciam a quantidade e a origem dos refugiados.

Primeiramente, vale ressaltar que observou-se um aumento da incidência de desastres ambientais. Sendo a intensificação do aquecimento global a principal suspeita de ser a responsável por eles. Somente no ano de 2022 situações como os violentos conflitos, em decorrência da crescente desertificação do Sahel no continente africano, que ocorreram em países como o Mali, o Chade e o Sudão e as mortes causadas pelos imensos alagamentos na Ásia, que chegaram a atingir a maioria do território paquistanês, evidenciam que as mudanças climáticas influenciam grandemente na qualidade de vida de quem é afetado. Assim, em busca de sobreviverem, tem se tornado cada vez mais frequente populações se deslocando.

Ademais, também vale notar que os povos mais atingidos são aqueles residentes em países em desenvolvimento, principalmente, com os piores indicadores sociais. Isso porque, nesses países a infraestrutura é mais precária e a capacidade do governo em assistir os atingidos é reduzida fazendo com que os impactos dos desastres climáticos sejam potencializados. Atualmente, os países em desenvolvimento tentam cobrar dos países desenvolvidos a responsabilidade destes em os ajudarem a lidar com esses impactos, pois os desenvolvidos são os que mais contribuíram e ainda contribuem com os fatores que levaram as mudanças climáticas (desmatamento e poluição, por exemplo), porém, os em desenvolvimento enfrentam resistência por parte dos desenvolvidos em ajuda-los. Logo, devido à incapacidade de se prepararem e de assistirem sua população e a falta de apoio nesse esforço a população dos países em desenvolvimento é a quem mais sofre com os desastres naturais.

Portanto, com o aumento do número de refugiados ambientais há um enfoque em descobrir as principais causas dessa condição. Sendo que, foi percebido a intensificação os eventos climáticos geram a necessidade de migração e que a parcela da população que está mais vulnerável a eles é a população mais pobre.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 34,5

Mudanças climáticas e a desigualdade social (Título)

Refugiados climáticos é o termo usado para denominar indivíduos que são forçados a se deslocarem devido a fatores ambientais. Esse deslocamento, ^{internamente} ~~internos~~ ou para fora do país, pode ser causado pela intensificação de uma condição pré-existente ou pela ocorrência de uma mudança inesperada, ^{no clima local} as quais deixam a população vulnerável. Dessa forma, ~~isso~~ a intensificação dos eventos climáticos extremos e a desigualdade social, quem são os mais afetados, são fatores que influenciam a quantidade e a origem dos refugiados.

Primeiramente, vale ressaltar que observou-se um aumento da ~~tendência~~ incidência de desastres ambientais. Sendo a intensificação do aquecimento global a principal suspeita de ser a responsável por eles. Somente no ano de 2022 situações como os violentos conflitos, em decorrência da crescente desertificação do Sahel no continente africano, que ocorreram em países como o Mali, o Chade e o Sudão e ~~as~~ as mortes causadas pelos imensos alagamentos na Ásia, que chegaram a atingir a maioria do território português, evidenciam que as mudanças climáticas influenciam grandemente na qualidade de vida de quem é afetado. ~~Assim, em busca de sobrevivência, tem se tornando cada vez mais frequente populações se deslocando.~~

Ademais, também vale notar que os países mais atingidos são aqueles residentes em países em desenvolvimento, principalmente ^{os} ~~os~~ com ~~os~~ piores índices sociais. Isso porque, nesses países a infraestrutura é mais precária e a capacidade (governamental) do governo em assistir os atingidos é reduzida, fazendo com que os impactos dos desastres climáticos sejam potencializados. Atualmente, os países em desenvolvimento ~~temem~~ ^{colaboram} ~~colaborar~~ os países desenvolvidos a responsabilidade destes em os ajudarem a lidar com esses impactos, pois os desenvolvidos são os que mais contribuíram e ainda contribuem com os fatores que levaram as mudanças climáticas (desmatamento ~~potencial~~ e poluição, por exemplo), porém, os em desenvolvimento enfrentam resistência por parte dos desenvolvidos em ajudá-los. Logo, devido à incapacidade de se prepararem e de assistirem sua população e a falta de apoio nesse esforço a população dos países ~~mais~~ em desenvolvimento é a que mais sofre com os desastres (naturais) naturais.

Portanto, com o aumento do número de refugiados ambientais há um enfoque em descobrir as principais causas dessa condição. Sendo que, foi percebida ~~uma~~ ^{de} intensificação dos eventos climáticos que geram a necessidade de migração e que a parcela de população que está mais vulnerável a eles é a população mais pobre.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 36,5

Quem deve governar?

A seca castiga o interior do Nordeste. A única opção é migrar para o Suldeste. Em São Paulo, a "terra do desenvolvimento", cada tempestade alaga as residências. O ciclo da pobreza pertence. A cena descrita do filme "Lula, o filho do Brasil" mimetiza um cenário no qual os desastres ambientais junto a ausência de políticas públicas eficientes auxiliam a manutenção da vulnerabilidade social. Analogamente, na contemporaneidade, nota-se que, governos de potências, como o Brasil, não tomam medidas para mitigar desastres ambientais que afetam a população. Dessa forma, como a "menoridade intelectual" daqueles que estão no será responsável do aumento dos refugiados ambientais?

Históricamente, observou-se que, durante a Ditadura Civil Militar, instaurou-se um projeto de desmatamento da Floresta Amazônica para o desenvolvimento da região Norte. Todavia, tal projeto não levou em consideração as consequências, a longo prazo, de tal decisão. Hodiernamente, colhemos os frutos dessa escolha. Exemplo disso é a alteração do regime de chuvas na região Suldeste, que levou ao alagamento da cidade de Socorro, no interior de São Paulo, em 2022, deixando assim, os moradores de tal cidade desabrigados e em estado de vulnerabilidade social. Desse modo, é explícito que, as más escolhas daqueles que estão no poder afetam não só o presente, mas também o futuro da humanidade.

À luz de Kant, em seu ensaio "O que é esclarecimento", "maioridade intelectual" é a capacidade individual de realizar julgamentos justos e éticos. Sob essa perspectiva, os indivíduos que estão na cadeira de poder e estão no estado de "menoridade intelectual" (oposto de "maioridade intelectual") serão responsáveis pelo aumento do número de refugiados ambientais e, conseqüentemente, pelo aumento de indivíduos em estado de vulnerabilidade social, já que não têm a capacidade de tomar decisões que diminuam os efeitos das mudanças climáticas.

Nessa diretriz, urge que o indivíduo exerça o "imperativo categórico" kantiano (ação ética de pleno respeito ao próximo), por meio da reflexão no momento das eleições. Devido a isso, o cidadão enxergará a importância de eleger um candidato que está na "maioridade intelectual", e que prioriza tanto mitigar as mudanças climáticas, geradas pela ação antrópica, quanto auxiliar os refugiados ambientais contemporâneos, criando condições para que esses saiam da situação de vulnerabilidade social, como a construção de moradias que não são afetadas pelo regime de chuvas. Assim, afastaremos o cenário da película "Lula, o filho do Brasil" da realidade brasileira, rompendo, então, com o status quo e criando uma sociedade mais ética, próspera e com equidade social.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 36,5

Quem deve governar?
(Título)

01 A seca castiga o interior do Nordeste. A única opção é migrar para o Sudeste. Em São Paulo, a "Ter-
02 ra do desenvolvimento", cada tempestade alaga as residências. O ciclo da pobreza permanece. A cena des-
03 crita do filme "Lula, o filho do Brasil"; Brasil "mimetiza um cenário no qual os desastres ambientais
04 junto à ausência de políticas públicas eficientes auxiliam a manutenção da vulnerabilidade social. Analo-
05 gamente, na contemporaneidade, nota-se que, governo de potências, como o Brasil, não tomam medidas pa-
06 ra mitigar os desastres ambientais que afetam a população. Dessa forma, como a "menoridade intelectu-
07 al" daqueles que estão no poder serão responsáveis pelo aumento dos refugiados ambientais?

08 Historicamente, observou-se que, durante a Ditadura Civil Militar, no Brasil, instaurou-se um proje-
09 to de desmatamento da Floresta Amazônica para o desenvolvimento da região Norte. Todavia, tal projeto
10 não levou em consideração as consequências, a longo prazo, de tal decisão. Hodiernamente, colhemos
11 os frutos dessa escolha. Exemplo disso, é a alteração do regime de chuvas na região Sudeste, que levou
12 ao alagamento da cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, em 2022, deixando, assim, os moradores
13 de tal cidade desabrigados e em estado de vulnerabilidade social. Desse modo, é explícito que, as más es-
14 colhas daqueles que estão no poder afetam não só o presente, mas também o futuro da humanidade.

15 A luz de Kant, em seu ensaio "O que é esclarecimento?", "maioridade intelectual" é a capacidade indivi-
16 dual de realizar julgamentos justos e éticos. Sob essa perspectiva, os indivíduos que estão na cadeira de po-
17 der e estão no estado de "menoridade intelectual" (oposto de "maioridade intelectual") serão responsáveis
18 pelo aumento do número de refugiados ambientais e, consequentemente, pelo aumento de indivíduos em es-
19 tado de vulnerabilidade social, já que não têm a capacidade de tomar ~~a capacidade de tomar~~ decisões
20 que diminuam os efeitos das mudanças climáticas.

21 Nessa direção, urge que o indivíduo ~~exerça~~^{exerça} o "imperativo categórico" kantiano (ação ética de pleno
22 respeito ao próximo), por meio da reflexão no momento das eleições. Devido a isso, o cidadão exerce-
23 rá a importância de eleger um candidato que está na "maioridade intelectual", e que prioriza tanto
24 mitigar as mudanças climáticas, geradas pela ação antrópica, quanto auxiliar os refugiados ambien-
25 tais contemporâneos, criando condições para que esses saiam da situação de vulnerabilidade so-
26 cial, como a construção de moradias que não são afetada pelo regime de chuvas. Assim, a faste-
27 mos o cenário da película "Lula, o filho do Brasil" da realidade brasileira, rompendo, então,
28 com o status quo, e criando uma sociedade mais ética, próspera e com equidade
29 social.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38

Exploração predatória: refugiados ambientais e vulnerabilidade social

O desenho animado “Lórax e o mistério da Trúfula perdida” ilustra uma realidade na qual, em face à grande degradação ambiental gerada pela exploração comercial, a cidade migra para outra região e isola suas fronteiras, fugindo do ambiente seco e desmatado. De forma análoga à obra de ficção, a realidade contemporânea é marcada por fluxos populacionais daqueles que se deslocam involuntariamente, para fugir de desastres ambientais ou condições climáticas extremas, sendo esses os chamados refugiados ambientais. Tendo isso em vista, a prática econômica exploratória gera maior número de refugiados ambientais, impactando a população socialmente vulnerável em maior escala.

A priori, segundo Hobbes, o homem é o lobo do homem, atestando a capacidade humana de autodestruição. Tal afirmação transparece nas atividades humanas, como na expansão do Arco do Desmatamento, realizada pelo agronegócio brasileiro, visando ampliar o volume de suas exportações. Ao diminuir a vegetação nativa da região, os ciclos hidrológicos são comprometidos, influenciando na dinâmica das massas de ar e afetando a população de todo o Brasil, que sofre com secas. Assim, a prática econômica exploratória, como a realizada pelo agronegócio, gera maior número de refugiados ambientais, por razões como as secas, sendo consequência das próprias ações humanas.

Além disso, frente a um cenário de desastres ambientais intensificados pela prática econômica, as consequências dessas não são sofridas de forma igualitária pela população. No ano de 2020, o Brasil enfrentou uma pandemia que gerou um cenário de crise e, nesse contexto, segundo publicação da CNN, os mais ricos do país acumularam mais capital, enquanto os mais pobres passaram a viver na miséria, o que torna nítido que, em cenários de crise, a população desfavorecida sofre maior parte dos impactos. Logo, em situações de crises e catástrofes ambientais, analogamente ao ano pandêmico, a população socialmente vulnerável sofre os impactos em maior escala, compondo maior parte dos refugiados ambientais.

Dessarte, o homem explora a natureza predatoriamente visando acumular riquezas, porém, acaba impactando a si mesmo, intensificando crises e catástrofes ambientais e ampliando o número de refugiados ambientais. E, em uma tendência já evidenciada pelos dados recentes no Brasil, a população socialmente vulnerável é impactada em maior escala, sendo forçada a se deslocar, ou seja, se tornar parte dos refugiados ambientais. Dessa forma, em uma realidade marcada pela fuga de condições climáticas adversas provocadas e intensificadas pelo homem, o desenho passa, cada vez mais, a se aproximar do real.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Exploração predatória: refugios ambientais e sustentabilidade social (Título)

01 O desenho animado "Lórex e o mistério da Tijuca perdida" ilustra uma realidade na qual,
02 em face à grande degradação ambiental gerada pela exploração comercial, a cidade migra para
03 outra região e busca seus predileitos, fugindo do ambiente seco e destruído. De forma crítica
04 à obra de ficção, a realidade contemporânea é marcada por fluxos populacionais daqueles
05 que se deslocam involuntariamente, para fugir de condições ambientais ou condições cli-
06 máticas extremas, sendo essas as chamadas refugios ambientais. Tanto isso em vista, a polí-
07 tica econômica expansionista que maior número de refugios ambientais, impactando a população
08 especialmente vulnerável em maior escala.

09 A ideia, segundo Hobbes, o homem e o leão de homem, atestando a capacidade humana de cultura e razão.
10 É afirmação transpõe para civilidades humanas, como no exemplo do Arco do Desenvolvimento,
11 ressignificando a natureza brasileira, criando amplos e velozes de novas experiências. Ao diminuir
12 a degradação natural da região, as áreas hidrográficas são preservadas, influenciando na
13 dinâmica das massas de ar e criando a população de todo o Brasil, que migra com segurança. Assim,
14 a política econômica expansionista, como a realidade que experimenta, que maior número de refu-
15 gios ambientais, por vezes como as áreas, sendo consequência das pressões sobre a natureza.

16 Além disso, frente a um cenário de degradação ambiental intensificada pela política econômica,
17 as consequências devem não são seguidas de forma igualitária pela população. No ano de 2020,
18 o Brasil enfrentou uma pandemia que gerou um cenário de crise e, nesse contexto, segundo publi-
19 cação da CNN, as mais ricas do país acumulam mais capital, enquanto as mais pobres
20 permanecem a viver na miséria, o que torna nítido que, em cenários de crise, a população degra-
21 dação sofre mais pelos impactos. Logo, em ~~uma~~ situação de crise e condições ambientais
22 adversas, a população socialmente vulnerável sofre os impactos em
23 maior escala, tornando mais pobres os refugios ambientais.

24 Portanto, o homem explora a natureza predatoriamente visando acumular riqueza, porém,
25 acaba impactando o meio ambiente, intensificando crises e condições ambientais e ampliando o nú-
26 mero de refugios ambientais. E, em uma tendência de evidenciada pela dados decada no
27 Brasil, a população socialmente vulnerável é impactada em maior escala, sendo forçada a
28 se deslocar, ou seja, se tornar parte dos refugios ambientais. Dessa forma, em uma re-
29 lidade marcada pela fuga de condições climáticas adversas, poluídas e insustentáveis
30 pelo homem, o cenário passa, cada vez mais, a se aproximar do real.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38

Bomba-relógio

Ao falar sobre refugiados ambientais e vulnerabilidade social, podemos pensar em livros clássicos da nossa literatura, como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, ou em uma histórica pintura de Portinari: *Os retirantes*. Essas obras têm em comum o fato de retratarem famílias menos abastadas que se refugiam pelo Nordeste fugindo da seca, cenário que, infelizmente, existe fora da ficção e tende a se intensificar com as mudanças climáticas. Nesse sentido, pode-se dizer que um cenário de autodestruição está se estabelecendo na Terra por conta dos mais ricos, mas os mais pobres são os que mais sofrerão.

Se, a partir da Revolução Industrial, na qual os países ricos foram pioneiros, toneladas de gases de efeito estufa foram lançadas para a atmosfera, hoje os mais pobres pagam a conta. Nesse contexto, países que estão começando processos de industrialização tardia, de forma a minimizar os impactos ambientais que esses processos podem causar, também precisam se preocupar com a seca ou com o aumento do nível do mar, por exemplo, e não possuem verbas governamentais o suficiente para lidar de forma eficaz com essas questões. Por outro lado, as nações mais poderosas, com dinheiro de sobra para mudar as próprias matrizes energéticas - ampliando a participação das fontes renováveis - e ajudar outras nações, ainda são as que mais poluem a nossa atmosfera e resistem em por fim ao bilionário mercado de petróleo.

Por conseguinte, enquanto a África Subsaariana bate recorde de refugiados climáticos e as ilhas Maldivas - lembradas pelas elites apenas na hora de decidir o destino de férias - serão o primeiro país a desaparecer do mapa, bilionários esquematizam um plano de fuga antes que seja tarde demais. Com isso, Elon Musk projeta a construção de uma atmosfera em Marte, capaz de abrigar seres humanos, ao mesmo tempo que a nossa segue recebendo incessantemente gases como carbônico e metano. Logo, podemos perceber que o problema traz impactos sobretudo para os mais socialmente vulneráveis, uma vez que os potentados que contribuíram para o cenário de autodestruição já possuem um plano B.

Nota-se, portanto, que as mudanças climáticas foram provocadas principalmente por conta dos mais ricos, que investiram e continuam investindo em fontes poluentes. No entanto, os mais pobres são os que se encontram nas piores situações. Analogamente, é como se uma bomba-relógio tivesse sido instalada no planeta, mas somente os que instalaram a bomba, de Marte ou de algum outro lugar da galáxia, terão histórias para contar.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Bomba-relógio

(Título)

01 Ao falar sobre refugiados ambientais e vulnerabilidade social, podemos ^{pensar} ~~podemos~~ em obras clássicas
02 da nossa literatura, como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, ou em uma histórica pintura de Portinari:
03 *Os Refugiados*. Essas obras têm em comum o fato de retratarem famílias menos abastadas que se
04 refugiam pelo Nordeste fugindo da seca, cenário que, infelizmente, existe fora da ficção e tende a se
05 intensificar com as mudanças climáticas. Nesse sentido, pode-se dizer que um cenário de autodestrui-
06 ção está se estabelecendo na Terra por conta das más ações, mas as más potências são as que mais sofrem.
07 Se, ^{a partir da} ~~na~~ Revolução Industrial, na qual os países ricos foram os pioneiros, toneladas de gases de efeto
08 estufa foram lançadas para a atmosfera, hoje os mais pobres pagam a conta. Nesse contexto, pa-
09 ses que estão começando processos de industrialização ^{rápida,} de forma a minimizar os impactos ambien-
10 tais que esses processos podem causar, também precisam se preocupar com a seca ou com o aumento
11 do nível do mar, por exemplo, e não possuem verbas governamentais o suficiente para lidar de forma
12 eficaz com essas questões. Por outro lado, as nações mais poderosas, com dinheiro de sobra para mudar
13 as próprias matrizes energéticas - ^{ampliando} ~~ampliar~~ a participação das fontes renováveis - e ajudar outras nações,
14 ainda são as que mais poluem nossa atmosfera e resistem em por fim ao bilionário mercado de petróleo.
15 Por conseguinte, enquanto a África Subsariana lida com refugiados climáticos e as Ilhas
16 Maldivas - lembradas pelas elites apenas na hora de decidir o destino de férias - serão o primeiro país a des-
17 parar do mapa, bilionários esquematizam um plano de fuga antes que seja tarde demais. Com isso, Elon
18 Musk propõe a construção de uma atmosfera em Marte, capaz de abrigar seres humanos, ^{ao mesmo tempo} ~~que~~ ^{enquanto}
19 a nossa segue recebendo incessantemente gases como carbônico e metano. Logo, podemos perceber
20 que o problema traz impacto sobretudo para os mais socialmente vulneráveis, uma vez que os potencia-
21 dos que contribuíram para ~~que~~ o cenário de autodestruição já possuem um plano B.
22 Nota-se, portanto, que as mudanças climáticas foram provocadas ^{principalmente} ~~sobretudo~~ por conta das
23 más ações, que investiram e continuam investindo em fontes poluentes. No entanto, os mais
24 pobres são os que se encontram nas piores situações. Analogamente, é como se uma bomba-re-
25 lágio tivesse sido instalada no planeta, mas ~~se~~ somente os que instalaram a bomba, de
26 Marte ou de algum outro lugar da galáxia, tivessem histórias para contar.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38

“Nações desunidas: silenciamento e utilitarismo”

No ano de 2022, a Organização das Nações Unidas reconheceu o acesso ao Meio Ambiente saudável como um direito humano, devendo ser protegido por todas as nações. Essa resolução, entretanto, contrasta com a realidade enfrentada por diversos habitantes do planeta, em especial os refugiados ambientais, grupo que vê-se forçado a fugir de sua área de origem para escapar de desastres naturais, constituindo uma parcela da população mundial muito vulnerável socialmente. Dessa forma, é pertinente analisar os aspectos que permeiam essa problemática, como o silenciamento das vozes dos afetados e a visão de mundo utilitarista advinda do capital industrial.

Esse silenciamento dos refugiados ambientais é um dos catalisadores da vulnerabilidade social a qual são acometidos. Tal situação deriva do fato de que as reivindicações desses grupos muitas vezes passam despercebidas pelas grandes mídias, que noticiam com maior frequência os que se refugiam da Guerra da Ucrânia, por exemplo, do que aqueles que fogem pelo aumento do nível do mar em ilhas na Oceania, bem como têm suas denúncias às mudanças climáticas e a destruição de suas áreas de origem abafadas por grandes corporações e empresas, interessadas apenas no lucro a ser obtido com sua política de extinção da fauna e flora. Assim, tal qual propôs o sociólogo britânico Nick Couldry em sua obra “Porque a voz importa?” os grupos dominantes calam, seja pela indiferença ou pelos interesses egoístas, as vozes dessas minorias que veem-se incapazes de protestar e clamar por ajuda, condição que os deixa vulneráveis e à margem da sociedade.

Ademais, a lógica utilitarista de que a natureza deve prover o maior lucro possível, atrelada ao capitalismo desde a sua origem, aumenta a vulnerabilidade social dos refugiados ambientais. Ora, se durante a Primeira Revolução Industrial as indústrias inglesas valiam-se de tal ideologia para cobrir o céu de Londres com a negra fuligem das máquinas à carvão; hoje os capitalistas usam tal argumento para minimizar o aquecimento global e legitimar a massiva destruição ambiental mundial, que seriam mínimos frente ao progresso tecnológico. Dessa maneira, os refugiados não têm seu direito ao meio ambiente saudável assegurado, bem como são submetidos a um estado de vulnerabilidade social, sendo obrigados a abandonar sua cultura e seu lar para fugir do caos provocado pelos desastres ambientais.

É evidente, em suma, que os refugiados ambientais encontram-se em um cenário de extrema vulnerabilidade social. Isso se deve, principalmente, ao silenciamento de suas vozes, o que os impede de protestar e clamar por ajuda, bem como a destruição de seu ambiente de origem por uma ideologia utilitarista, a qual permeia o capitalismo industrial desde seu nascimento, obrigando aqueles que se refugiam a fugir de suas casas e adaptarem-se a uma localidade diferente. Desse modo, a resolução proposta pela ONU encontra dificuldades de ser cumprida, dada a desunião das Nações em busca de um ambiente saudável para todos.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38

Nações desunidas: silenciamento e utilitarismo
(Título)

Na ano de 2022, a Organização das Nações Unidas reconheceu o acesso ao Meio Ambiente saudável como um direito humano, desde que protegido por todos os nações. Essa declaração, entretanto, contrasta com a realidade enfrentada por diversas habitantes do planeta, em especial os refugiados ambientais, grupo que vêm forçados a fugir de sua área de origem para escapar de desastres naturais, constituindo uma parcela da população mundial muito vulnerável socialmente. Dessa forma, é pertinente analisar os aspectos que permeiam essa problemática, como o silenciamento das vozes dos afetados e a visão de mundo utilitarista advinda do capitalismo industrial.

Esse silenciamento dos refugiados ambientais é um dos catalisadores da vulnerabilidade social a qual são acometidos. Tal situação deriva do fato de que as reivindicações desses grupos muitas vezes passam despercebidas pelas grandes mídias, que noticiam com maior frequência as que se refugiaram da guerra na Ucrânia, por exemplo, do que aquelas que fogem pelo aumento do nível do mar em ilhas na Oceania, bem como têm suas demandas às mudanças climáticas e a destruição de suas áreas de origem absorvidas por grandes corporações e empresas, interessadas apenas no lucro e não atentas com sua política de atuação de lucro a ~~front~~ floresta. Assim, tal qual propôs o sociólogo britânico Nicky Cauley em sua obra "Porque a voz importa?" os grupos dominantes calam, seja pela indiferença ou pelas intencional omissão, as vozes desses minorias, que vivem-se incapazes de protestar e clamor por ajuda, condição que os torna vulneráveis e à margem da sociedade.

Ademais, a lógica utilitarista de que a natureza deve prover o maior lucro possível, atrelada ao capitalismo, vem desde sua origem, aumentando a vulnerabilidade social dos refugiados ambientais. Ora, se durante a Primeira Revolução Industrial as indústrias ignoravam-se de tal ideologia para cobrirem seus de devedores com a água fugiram das máquinas à corrente; hoje os capitalistas usam tal argumento para minimizar o aquecimento global e legitimar a massiva destruição ambiental mundial, que sofrem mínimos frente ao progresso tecnológico. Dessa maneira, os refugiados não têm seu direito ao meio ambiente saudável assegurado, bem como não ~~estabelecem~~ ^{suprimentos a} um estado de vulnerabilidade social, sendo obrigados a abandonar sua cultura e seu lar para fugir de seus perigos provocados pelos desastres naturais.

É notável, em suma, que os refugiados ambientais encontram-se em um cenário de extrema vulnerabilidade social. Isso se deve, principalmente, ao silenciamento de suas vozes, e que os impede de protestar e clamor por ajuda, bem como a destruição de seu ambiente de origem por uma ideologia utilitarista, a qual permeia o capitalismo industrial desde seu nascimento, dirigindo aqueles que se refugiaram a fugirem de suas casas e adotarem-se a uma localidade diferente. Dessa modo, a resolução proposta pelo PNU encontra dificuldades de ser cumprida, desde a ^{das Nações} ~~da humanidade~~ em busca de um ambiente saudável para todos.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38

O desenvolvimento desenfreado é o motor do desastre

Com a Revolução Industrial vivenciada no século XVIII, a dinâmica da economia mundial mudou, promovendo o desenvolvimento de países a partir de sua industrialização. Porém, junto com esse processo, houve maior queima de combustíveis fósseis, o que aumentou a concentração de gases poluentes na atmosfera e influenciou o clima do mundo inteiro. Com isso, desastres naturais se tornaram mais corriqueiros, fomentando fluxos migratórios de pessoas que escapar de lugares que se tornaram inabitáveis ou representam perigo iminente. Assim, a configuração desse cenário forma os refugiados ambientais, um grupo de pessoas em situação de vulnerabilidade causadas, principalmente, por conta do processo desenfreado da industrialização, assim como pelo contorno de leis que deveriam assegurar a proteção ambiental.

Em primeiro lugar, cabe salientar que, com a Terceira Revolução Industrial, o principal capital gerador de riquezas é a tecnologia e a informação. Por conta disso, países subdesenvolvidos, cujas leis de proteção ambiental são mal aplicadas, passaram a receber indústrias poluidoras de países desenvolvidos. Dessa maneira, os países de Primeiro Mundo podem passar a imagem de que preservar o meio ambiente quando, na realidade, exportam seus resíduos para países carentes e agravam, portanto, o processo de deterioração da natureza. Um exemplo claro dessa situação é a exportação do lixo eletrônico do Japão para posterior descarte na China.

Ademais, o principal contingente de refugiados é caracterizado por pessoas que estavam em lugares com alto fator de expulsão em vista dos desastres ambientais advindos das mudanças climáticas, podendo representar, até o ano de 2050, cerca de 17 milhões de emigrantes só na América Latina. Além disso, a emissão de gases poluentes advindos das indústrias aumenta a temperatura média da Terra, causando derretimento de geleiras e o aumento do nível de água dos oceanos. Tal quadro promove fenômenos naturais como a intensificação de maremotos, por exemplo. Nesse sentido, o Haiti passou por uma tragédia ambiental, a qual levou seus habitantes a buscarem refúgio em outros países, sendo o Brasil um dos principais destinos. Dessa forma, é entendido o drama de pessoas cujo lar tornou-se inabitável, assim como o autor Graciliano Ramos evidencia em sua obra “Vidas Secas”, ao retratar Fabiano e sua família com muita preocupação para encontrar um lugar em que possam viver.

Em vista disso, nota-se que o processo de industrialização promoveu as mudanças ambientais, mudanças essas que geraram estresse na natureza. Em decorrência disso, observa-se maior recorrência de desastres naturais e, conseqüentemente, populações inteiras precisam se deslocar em busca de um novo lar estando em uma situação de extrema fragilidade.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota 38

O desmoronamento ambiental é o motor do desastre
(Título)

01 Com a Revolução Industrial vivenciada no século XVIII, a dinâmica da economia mundial mudou,
02 premiando o desenvolvimento de países a partir de sua industrialização. Porém, junto com esses processos,
03 houve maior queima de combustíveis fósseis, o que aumentou a concentração de gases poluentes no atmo-
04 sfera e influenciou o clima do mundo inteiro. Com isso, desastres naturais se tornaram mais freqüen-
05 tes, fermentando fluxos migratórios de pessoas que buscam escapar de lugares que se tornaram inabi-
06 táveis ou apresentam perigo iminente. Assim, a configuração desse cenário forma os refugiados ambien-
07 tais, um grupo de pessoas em situação de vulnerabilidade causada, principalmente, por conta do pro-
08 cesso desenfreado de industrialização, assim como pelacentração de danos que desviam consequências a parte-
09 ção ambiental.

10 Em primeiro lugar, cabe salientar que, com a Terceira Revolução Industrial, o principal capital ge-
11 neral de riqueza é a tecnologia e a informação. Por conta disso, países desenvolvidos, com subdesenvolvidos,
12 após leis de proteção ambiental não mal aplicadas, promovem a suas indústrias poluidoras de países de-
13 veluidos. Dessa maneira, os países do Primeiro Mundo podem passar a imagem de que preservam o meio
14 ambiente quando, na realidade, exportam seus resíduos para países pobres e agrotóxicos, portanto, o
15 processo de deteriorização do meio ambiente se naturaliza. Um exemplo claro dessa situação é a expor-
16 tação de lixo eletrônico do Japão para posterior descarte inadequado na China.

17 Ademais, o principal contingente de refugiados é constituído por países que enfrentam em pessoas
18 que vivem em lugares com alto fator de expulsão em vista dos desastres ambientais advindos das mu-
19 danças climáticas, podendo supor-se, até o ano de 2050, cerca de 17 milhões de emigrantes só na América
20 Latina. Além disso, a emissão de gases poluentes advinda das indústrias aumenta a temperatura média
21 da Terra, causando derretimento de geleiras e o aumento do nível do mar das regiões. Tal quadro per-
22 mune fenômenos naturais como a intensificação de terremotos, por exemplo. Nesse sentido, o Haiti passou
23 por uma tragédia ambiental, a qual levou seus habitantes a buscarem refúgio em outros países,
24 sendo o Brasil um dos principais destinos. Dessa forma, é entendido o drama de pessoas cujo lar tornou-
25 se inabitável, assim como o autor Graciliano Ramos evidencia em sua obra "Vidas Secas", as auto-
26 res Fabiano e sua família com muita preocupação para encontrar um lugar em que possam viver.

27 Em vista disso, nota-se que o processo de industrialização premereu as mudanças am-
28 bientais, mudanças essas que geraram estresse no planeta. Em decorrência disso, observa-se
29 maior ocorrência de desastres naturais e, conseqüentemente, populações inteiras precisam se deslocar
30 em busca de um novo lar estando em uma situação de extrema fragilidade.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38,5

Vulnerabilidade social e ambiental

A obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, narra a história de uma família de retirantes nordestinos que tenta sobreviver em condições extremas de seca e pobreza. A situação vivida pelos personagens do romance, que tiveram de deixar seu local de origem em busca de melhores condições de vida, é análoga à situação de milhões de indivíduos, conhecidos como “refugiados ambientais”. Segundo dados obtidos pelo Banco Mundial, a expectativa é de que até 2050 o número de refugiados climáticos seja de 200 milhões, sendo que mais da metade desses seriam provenientes de locais extremamente pobres, como África Subsaariana e Ásia, o que demonstra que há uma relação intrínseca entre vulnerabilidade social e refúgio.

É indubitável que fenômenos climáticos extremos, como alagamentos e ciclones, ocorram em todos os continentes do mundo, mas o fato de que os refugiados climáticos provenham principalmente de áreas pobres aponta para a influência da vulnerabilidade social nesse processo. Tendo em vista a irreversibilidade do aquecimento global, fenômeno antropológico que influencia na maior frequência e intensidade de desastres ambientais, a Organização das Nações Unidas (ONU) apresentou uma cartilha aos países membros, na qual apresenta a necessidade em se criar “cidades resilientes”. Tais cidades deveriam ter uma série de obras de infraestrutura de modo a minimizar os impactos de fenômenos climáticos, como prédios resistentes e obras para servir de refúgio. Todavia, os altos custos para a estruturação urbana e a falta de incentivos financeiros por parte de instituições ligadas a ONU, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), fez com que os objetivos de contenção de danos não fossem alcançados em países desenvolvidos. Prova cabal disso é o fato de Haiti e Japão terem enfrentado terremotos intensos no mesmo período de tempo, mas apenas o país asiático ter se recuperado totalmente.

Como consequência da incapacidade de recuperação de algumas áreas afetadas, muitos indivíduos precisam migrar de sua área de origem em busca de melhores condições de vida, como acontece com os personagens de Vidas Secas. O problema é que, mesmo nos países em que conseguem refúgio, a situação de vulnerabilidade vivida pelos migrantes continua, estimulada por discursos de ódio de cunho xenofóbico. Um exemplo disso é a situação de extrema pobreza vivida por haitianos no Brasil, que entraram no país após os terremotos em seu país de origem e ocupam postos de trabalho insalubres no país, como em abatedouros. Desse modo, enquanto não forem estabelecidas medidas efetivas para mitigar a vulnerabilidade social em áreas pobres, o número de refugiados só aumentará.

Em suma, constata-se que o número de fenômenos climáticos extremos tende a aumentar, o que influencia no crescimento do número de refugiados ambientais. Tais indivíduos, provenientes predominantemente de países pobres, são a prova de que a vulnerabilidade social impacta diretamente em sua condição de refugiado.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 38,5

Vulnerabilidade social e ambiental
(Título)

01 A obra "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, narra a história de uma família de retirantes
02 nordestinos que tentam sobreviver em condições extremas de seca e de pobreza. A situação
03 vivida pelos personagens do romance, que tentam deixar seu local de origem em busca
04 de melhores condições de vida, é análoga à situação de milhões de indivíduos, conheci-
05 dos como "refugiados ambientais". ~~Segundo~~ Segundo dados estatísticos pela Banca Mundial, a expectativa
06 de vida é de que até 2050 o número de refugiados climáticos seja de 200 milhões, sendo que mais
07 do metade deles serão provenientes de áreas extremamente pobres, como África Subsaariana e
08 Ásia, o que demonstra que há uma relação intrínseca entre vulnerabilidade social e ambiental.
09 É incontestável que fenômenos climáticos extremos, como alagamentos e ciclones, ocorrem
10 em todas as regiões do mundo, mas o fato de que os refugiados climáticos provierem
11 principalmente de áreas pobres aponta para a influência da vulnerabilidade social nesse pro-
12 cesso. Tendo em vista a irreversibilidade do aquecimento global, fenômenos antropogênicos que
13 influenciam na maior frequência e intensidade de desastres ambientais, a Organização das Nações Uni-
14 das (ONU) apresenta um conselho aos países membros, na qual apresentam a necessidade de se criar
15 "cidades resilientes". Tais cidades deveriam ter uma série de obras de infraestrutura de modo a con-
16 tinger os impactos de fenômenos climáticos, como grandes enchentes e ondas de calor, de modo a re-
17 duzi-los. Todavia, os altos custos para a construção dessas e o falta de incentivos financeiros por parte
18 de instituições ligadas à ONU, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), faz com que os objetivos de contenção
19 de danos não sejam alcançados em países desenvolvidos. Há casos como o Haiti e o Japão, que
20 enfrentaram terremotos intensos na mesma região do tempo, mas apenas o japoense tem se recuperado totalmente.
21 Como consequência da impossibilidade de recuperação de algumas áreas afetadas, muitos indivíduos pressionados migram de sua
22 área de origem em busca de melhores condições de vida, como ocorre com os personagens de Vidas Secas. O problema
23 é que, mesmo nos países em que conseguem refúgio, a situação de vulnerabilidade vivida pelos migrantes
24 continua, estimulada por dinâmicas de exclusão de acesso aos serviços básicos. Um exemplo disso é a situação de extre-
25 ma pobreza vivida por migrantes no Brasil, que entram no país após os terremotos em seu país de origem e
26 seguem presos em trabalhos insalubres no país, como em abate de animais. Dessa maneira, migrantes não foram alcançados
27 medidas efetivas para mitigar a vulnerabilidade social em áreas pobres, e o número de refugiados só aumentará.
28 Em suma, constatou-se que o número de fenômenos climáticos extremos tende a aumentar, o que in-
29 fluencia no aumento do número de refugiados ambientais. Tais indivíduos, majoritariamente provenientes de
30 países pobres, não o grau de que a vulnerabilidade social impacta diretamente em suas condições de refúgio.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 39,5

Refugiados ambientais: entre a desigualdade e a invisibilidade

Com o avanço da invasão russa à Ucrânia, reportagens acerca da população forçada a deslocar-se aumentaram exponencialmente. No entanto, nem todos os refugiados originam-se de conflitos. Há, também, os poucos discutidos, refugiados ambientais que, em associação com a vulnerabilidade social, formam uma problemática que deve ser analisada.

Sob essa ótica, é válido destacar que a condição social de uma nação influencia diretamente sua participação nessa crise. Na Nova Ordem Mundial, originada com o fim da Guerra Fria, é possível classificar os países em subdesenvolvidos, emergentes e desenvolvidos, a partir de seu produto interno, de sua tecnologia e da qualidade de vida de sua população. Tais fatores são refletidos na capacidade do Estado em lidar com desastres naturais, sendo reduzidas naqueles – visto que após uma década o Haiti ainda recupera-se de um terremoto – e elevado nestes, como percebe-se pelo Japão quase não ser abalado por tremores frequentes. Paralelamente, a baixa preocupação com o meio ambiente das nações, fruto da busca incessante pelo lucro, intensifica a ocorrência de fenômenos climáticos extremos por causa do aquecimento global. Dessa forma, a disparidade entre países ricos e pobres acentua-se, levando esses a emitir cada vez mais refugiados ambientais.

Ademais, segundo Hannah Arendt, os apátridas pertencem a um estado de excessão que os torna invisíveis. Apesar de referir-se aos judeus perseguidos na Segunda Guerra Mundial, tal tese aplica-se, também, aos refugiados ambientais, os quais, por não pertencerem à estrutura burocrática de seu destino, tornam-se invisíveis ao seu Estado. Nesse contexto, a solução seria obter a documentação necessária para pertencer ao aparato, porém a aversão aos imigrantes de países subdesenvolvidos por muitos governos, aliada à dificuldade em se provar a condição de refugiado, torna quase impossível tal feito. Além disso, o alastramento da xenofobia como consequência da crise econômica global, evidenciada pelo aparecimento de grupos neonazistas, racistas e nacionalistas, é outro entrave ao estabelecimento do refugiado que encontra-se em uma severa e duradoura condição de vulnerabilidade.

Em suma, pode-se concluir que a desigualdade mundial e a crescente degradação ambiental, fomentada pela cultura capitalista, acarretam no aumento do número de refugiados ambientais. Esses perdem a sua pátria e enfrentam a xenofobia em seu destino, tornando-se invisíveis e marginalizados. Logo, é evidente que a vulnerabilidade social é tanto causa, dentro da ordem vigente, quanto consequência – para os próprios refugiados – dessa problemática.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 39,5

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Refugiados ambientais: entre a desigualdade e a vulnerabilidade
(Título)

01 Com a expansão da imigração rumo à Ucrânia, reportagem acerca da população forçada a des-
02 locar-se aumentaram exponencialmente. No entanto, nem todos os refugiados originam-se de con-
03 flitos. Há também, em países desenvolvidos, refugiados ambientais que, em associação com a vulnerabilidade
04 racial, formam uma problemática que deve ser analisada.

05 Sob essa ótica, é válido destacar que a condição racial de uma nação influencia diretamente
06 sua participação nessa crise. Na Segunda Guerra Mundial, originada com o fim da Segunda Guerra, é
07 possível classificar os países em subdesenvolvidos, emergentes e desenvolvidos, a partir de seu produ-
08 to interno de sua tecnologia e da qualidade de vida de sua população. Tais fatores não refletem na capa-
09 cidade do Estado em lidar com desastres naturais, sendo refugiados majoritariamente aqueles que após uma década
10 da 2ª Guerra ocuparam-se de um terremoto - e desastres naturais, como ocorre-se pelo Japão quase não são
11 afetados por terremotos frequentes. Paralelamente, a baixa preocupação com o meio ambiente das nações
12 pobres da América, impulsionada pelo lucro, intensifica a ocorrência de fenômenos climáticos extremos por cau-
13 sa do aquecimento global. Dessa forma, a desigualdade entre países ricos e pobres contribui, levando
14 esses a emitir cada vez mais refugiados ambientais.

15 Ademais, segundo Hannah Arendt, os apátridas pertencem a um estado de exceção que os
16 torna invisíveis. Apesar de referir-se aos judeus perseguidos na Segunda Guerra Mundial, tal tese
17 aplica-se também aos refugiados ambientais, os quais, por não pertencerem à estrutura burocrática de
18 seu destino, tornam-se invisíveis a seu Estado. Nessa condição, a redução necessária à documentação ne-
19 cessária para pertencer ao apátrida, porém a ausência dos documentos de países subdesenvolvidos por muitos
20 governos, aliada à dificuldade em se provar a condição de ~~refugiado~~ refugiado, torna quase impossível tal luta.

21 Além disso, o deslocamento da população como consequência da crise econômica global, fora do
22 contexto da pandemia, incidência da poluição atmosférica de grupos marginalizados, minoritários e nacionalistas,
23 e outros fatores que estabelecimento de refugiado que encontra-se em uma situação de vulnerabilidade
24 são de vulnerabilidade.

25 Em suma, pode-se concluir que a desigualdade mundial e a crescente degradação ambien-
26 tal, promovida pela cultura capitalista, ocasionam no aumento do número de refugiados ambientais.
27 Esses perdem a sua pátria e enfrentam a xenofobia em seu destino, tornando-se invisíveis
28 e marginalizados. Logo, é evidente que a vulnerabilidade racial é tanto causa, dentro da
29 ordem vigente, quanto consequência - para os próprios refugiados - dessa problemática.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 39,5

Refugiados ambientais resultado da natureza ou da desigualdade?

Desastres ambientais convivem com o homem, Pompeya, a mais famosa cidade que foi destruída por uma erupção vulcânica, é uma imagem histórica desse fato. Entretanto, nos dias vigentes, as mudanças ambientais e ações tectônicas têm seus efeitos desigualmente distribuídos pelo planeta, isso é seus impactos são diretamente proporcionais à condição de pobreza da região. Nesse sentido, os refugiados ambientais superam aquele que fogem de guerras, pois as ações antrópicas que acentuam as mudanças climáticas atingem, inclusive, países pacíficos e a força tectônica é esmagadora em qualquer país vulnerável no aspecto sócio-econômico.

Diante desse cenário, é inegável a existência de mudanças climáticas, as quais acentuam a seca, as chuvas entre outros fatores. Apesar dessas ocorrências serem de mais responsabilidade de países ricos, já que eles com suas indústrias são os principais emissores de gases poluentes, são os países pobres os principais afetados dessa problemática, pois em sua maioria têm agricultura como de recursos. Diferentemente de países como Israel que conseguem cultivar no deserto, grande parte dos países subdesenvolvidos dependem do regime natural das chuvas. Desse modo, com as alterações do clima, surge-se muitos refugiados ambientais, uma vez que suas localidades se tornam inaptas, tendo eles que buscarem em outro país uma maneira de sobreviver. Assim evidencia-se como o não acesso ao capital intensifica a crise de refugiados ambientais.

Além disso, as catástrofes sísmicas é outro fator que evidencia como as condições sócio econômicas influenciam o tamanho do impacto e o surgimento de refugiados. Mesmo que terremotos sejam impossíveis de serem evitados, seus impactos podem ser minimizados. Grande prova disso percebe-se no Japão, país desenvolvido, o Haiti, pobre nação latino-americana, ambas vítimas de abalos sísmicos, porém o Japão mesmo acometido por um de maior magnitude se recuperou rapidamente, enquanto o Haiti até hoje, muitos anos depois, padece das consequências desse desastre. Dessa forma, fica claro como o poderio econômico pode evitar as consequências desastrosas das forças da natureza evitando que surjam mais refugiados ambientais também.

Portanto, é nítido como os impactos ambientais e forças da natureza atuam de forma desigual acentuando a própria desigualdade entre os países e criando uma quantidade gigantesca de refugiados ambientais. Dessa maneira, as mudanças climáticas evidenciam vulnerabilidade dos próprios imigrantes, visto que buscam condições humanas de vida e as ações antrópicas retiram suas condições de subsistência. Ademais os impactos discrepante de abalos sísmicos mostram que o subdesenvolvimento do país acentuam a destruição gerada por ele criando-se assim mais refugiados ambientais.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 39,5

Refugiados ambientais: resultado da natureza ou da desigualdade?

(Título)

Desastres ambientais convivem com o homem, Pompeia, a mais famosa cidade que
foi destruída por uma erupção vulcânica, é uma imagem histórica desse fato. Entretanto, nos
dias virgentes, as mudanças ambientais e ações tectônicas têm seus efeitos desigualmente
distribuídos pelo planeta, isso é, seus impactos não diretamente proporcionais à condição de
pobreza da região. Nesse sentido, os refugiados ambientais superam aqueles que fogem de guerras,
pois as ações antrópicas que aceleram as mudanças climáticas atingem, inclusive, países pacíficos e
a força tectônica é onipotente em qualquer país vulnerável no aspecto socio-econômico.

Diante desse cenário, é inegável a existência de mudanças climáticas, as quais acentuam a
seca, as chuvas entre outros fatores. Apesar de suas ocorrências serem de maior responsabilidade
de países ricos, já que eles com suas indústrias são os principais emissores de gases poluentes, são
os países pobres os principais afetados dessa problemática, pois em sua maioria têm a agricultura
como fonte de recursos. Diferentemente de países como Israel que conseguem cultivar no deserto, grande
parte dos países subdesenvolvidos dependem do regime natural das chuvas. Dessa modo, com as alterações do
clima, surge-se muitos refugiados ambientais, uma vez que suas localidades se tornam inabitáveis.
É nesses casos que buscam em outro país uma maneira de sobreviver. Assim evidencia-se como o acesso ao capital
intensifica a crise de refugiados ambientais.

Além disso, as catástrofes climáticas são outro fator que evidencia como as condições socio-
econômicas influenciam o tamanho do impacto e o surgimento de refugiados. Mesmo que tere-
mos sejam impossíveis de serem evitados, seus impactos podem ser minimizados. Grande prova dis-
so percebe-se no Japão, país desenvolvido, e Haiti, pobre nação latinoamericana, ambos foram
vítimas do abalo sísmico, porém o Japão mesmo ameaçado por um de maior magnitude se recuperou
rapidamente, enquanto o Haiti até hoje, muitos anos depois, sofre das consequências desse desas-
tre. Dessa forma, fica clara como o padrão econômico pode evitar as consequências dos desastres das
forças da natureza evitando que surjam mais refugiados ambientais.

Portanto, é nítido como os impactos ambientais e forças da natureza atuam de
forma desigual acentuando a própria desigualdade entre os países e criando uma quantidade
de gigantesco de refugiados ambientais. Dessa maneira, as mudanças climáticas evidenciam a
vulnerabilidade dos próprios migrantes, visto que buscam condições humanas de vida e as ações antrópicas
reforçam suas condições de subsistência. Ademais os impactos desproporcionais do abalo sísmico mostram que
o subdesenvolvimento do país acentua a destruição gerada por ele criando-se assim mais refugiados ambientais.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 41

Estrangeiros ao Próprio Mundo, Morte à “Mãe Terra”

Olhos esbugalhados de quem vê a morte chegar de “mansinho”, ascite na barriga juvenil cheia de fome, corpos esqueléticos e morbidade pacífica de vencido. Assim, em óleo sobre tela, “os anjos tortos” de Candido Portinari são representados no quadro “Retirantes”. De fato, as figuras fantasmagóricas se assemelham mais aos mortos que aos vivos, e como, pêndulos, oscilam no ambiente de total horror daqueles que tiveram que migrar para sobreviver. Nessa perspectiva, tal distopia, pintada em 1944, ainda é válida para a leitura do presente, na medida em que no cotidiano é reiterado o horror experimentado pelos refugiados ambientais, os quais vulneráveis frente à lógica lucrativista neoliberal, peregrinam na luta por condições mais dignas de existência. Logo, é necessário correlacionar, no cenário dos “novos retirantes”, a relação entre crise climática e fragilidade social, regatando, também, o papel do altruísmo e do pensamento a longo prazo na edificação da sustentabilidade.

Com efeito, é necessário considerar a invisibilidade social dos refugiados ambientais como fruto de uma postura apática da humanidade frente à hostilidade do produtivismo. Para isso, a figura de Meursault, em personagem do livro “O Estrangeiro”, do filósofo Albert Camus, materializa, de modo simbólico, o egoísmo existencial dos indivíduos. Na obra, Meursault passa pela existência humana sem esboçar grandes sentimentos, permanecendo indiferente mesmo no velório da própria mãe. Dessa forma, por meio de alusão, pode-se observar o ser humano como o “novo meursault”, que observa conformado a morte gradual da “mãe Terra” na posição de estrangeiro ao próprio mundo que o cerceia. Sendo assim, no cenário presente de crise ambiental, passa-se a justificar a destruição dos recursos naturais em nome dos desejos individuais por consumo, desconsiderando o sofrimento daqueles que serão forçados a se deslocarem em decorrência da degradação ambiental e climática.

Ademais, essa situação pode ser observada entre os anos de 2021 e 2022 na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, quando um período excessivo de chuvas resultou em 178 mortos, sendo a maioria das vítimas moradores de áreas com risco de deslizamento, deslocando inúmeras famílias de suas habitações.

Por conseguinte, toda essa crise ambiental acaba impactando de maneira mais árdua as populações com maior vulnerabilidade social, isso pois, devido à carência por recursos financeiros, representam, em grande parte, aqueles que já assistiam em áreas precárias, inviabilizadas, agora, por alagamentos, alterações climáticas e outros desastres naturais. Dessa maneira, os deslocamentos forçados escancaram a desigualdade social, alertando para a até então invisibilidade destinada às minorias – sertanejos, quilombolas, povos da floresta – que têm sua situação ainda mais agravada com o avanço da degradação ambiental. Contudo, em oposição a esse cenário de desesperança, é necessário retomar a cultura do altruísmo e do pensamento a longo prazo. Nessa lógica, o escritor e ativista Ailton Krenak, em sua obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, retoma a importância de uma visão integrada entre a humanidade e a natureza, a fim de que se possa experimentar a verdadeira cidadania. Assim sendo, por meio da empatia seria possível edificar a sustentabilidade, rompendo com o egoísmo dos “novos meursaults” e com o ciclo desigual que constrói os “retirantes” atuais.

Portanto, a questão dos refugiados está diretamente associada à vulnerabilidade social. Todo esse problema é reflexo, também, do egoísmo existencial humano frente à degradação da natureza e à invisibilização das minorias. Assim, é necessário romper com esse quadro distópico e apontar o altruísmo e o pensamento a longo prazo como caminho para garantir um futuro mais sustentável.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 41

Estrangeiros no Próprio Mundo, Monte a "Mãe Jena"
(Título)

01 Os seres expulhados de quem se a monte chega de "mamãe", assim na brincadeira, o clima de fome, corpos esqueléticos e mobilidade pau-
02 lisa de viverem. Assim, em obras sobre tela, "os origens tentos" de Camille Bonin, não representam os que são "Retornados". De fato, as figu-
03 ras fantasmagóricas se assemelham mais aos mortos que aos vivos e, como pândulos, oscilam no ambiente de total horror daqueles que
04 tiveram que migrar para sobreviver. Nessa perspectiva, tal distopia, pintada em 1944, ainda é válida para a leitura do presente, me-
05 medida em que no cotidiano é reiterado o horror experimentado pelos refugiados ambientais, os quais culmenários frente à lógica lu-
06 crativista neoliberal, perseguem na luta por condições mais dignas de existência. Logo, é necessário reconhecer, no cenário dos "no-
07 vos retornados", a relação entre crise climática e fragilidade social, resgatando, também, o papel do ativismo e do pensamento a longo
08 prazo na superação da sustentabilidade.

09 Com efeito, é necessário considerar a invisibilidade social dos refugiados ambientais como fruto de uma postura apática da humanidade
10 de frente à hostilidade do produtivismo. Para isso, a figura inovadora de Meusault, personagem do livro "O Estrangeiro", de Gilles Lipset
11 Camus, materializa, de modo simbólico, o sofrimento existencial dos indivíduos. Na obra, Meusault passa pela existência humana com
12 poucas grandes abstruções, permeando indiferença mesmo na relação da própria mãe. Dessa forma, por meio de elevar, pode-se observar o
13 ser humano como o "novo Meusault", que observa condescendo a morte gradual da "Mãe Jena" na posição de estrangeiro no mundo que
14 o cerca. Sendo assim, no cenário presente de crise ambiental, passa-se a justificar a destruição dos recursos naturais em nome dos de-
15 sejos individuais por consumo, desconsiderando o sofrimento daqueles que serão forçados a se deslocarem em decorrência da degradação
16 ambiental e climática. Ademais, essa situação pode ser observada entre os anos de 2021 e 2022 na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro,
17 quando um período excessivo de chuvas resultou em 178 mortes, sendo a maioria das vítimas moradores de áreas com risco de deslizamento,
18 deslocou e destruiu inúmeras famílias de suas habitações.

19 Por conseguinte, toda essa crise ambiental acaba impactando de maneira mais acentuada as populações com maior vulnerabilidade social, ja-
20 is pois, devido à condição por recursos financeiros, representam, em grande parte, aqueles que já assistiam em áreas precárias, insalubres e
21 agorras, por deslizamentos, alterações climáticas e outros desastres naturais. Dessa maneira, os deslocamentos forçados exacerbam a desigualdade so-
22 cial, afastando para a até então invisibilidade destinada às minorias - negros, quilombolas, povos da floresta - que têm sua situação ainda
23 mais agravada com o avanço da degradação ambiental. Contudo, em oposição a esse cenário de desesperança, é necessário retomar a cultu-
24 ra do ativismo e do pensamento a longo prazo. Nessa lógica, o escritor e ativista Milton Kromb, em sua obra "Ideias para ação e fim do
25 mundo", retoma a importância de uma visão integrada entre a humanidade e a natureza, a fim de que se possa experimentar a verdadeira cidadania
26 comum sendo, por meio da empatia, o indivíduo edifica a sustentabilidade, rompendo com o espírito do "novo Meusault" e com
27 o ciclo desigual que constrói os "retornados" atuais.

28 Portanto, a questão dos refugiados ambientais está diretamente associada à vulnerabilidade social. Logo esse problema é reflexo, também, do
29 legítimo existencial humano frente à degradação da natureza e à invisibilização das minorias. Assim, é necessário romper com esse quadro
30 distópico e apontar o ativismo e o pensamento a longo prazo como caminhos para garantir um futuro mais sustentável.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 41,5

A vulnerabilidade social como agravante e a falta de visibilidade como perpetuadora das crises de refugiados ambientais

Na série “O Expresso do Amanhã”, vê-se um mundo distópico, no qual a Terra foi congelada depois dos cientistas tentarem reverter o intenso aquecimento global. Por isso, a única forma restante de sobrevivência foi entrar a bordo do Snowpiercer, uma locomotiva que não para nunca, mas, para tanto, era preciso ser multimilionário e, sendo assim, as pessoas, socioeconomicamente, vulneráveis, tiveram a morte como destino. De forma similar à ficção, nota-se, na contemporaneidade, a correlação entre a vulnerabilidade social e os refugiados ambientais. Tal vulnerabilidade é responsável por agravar os impactos dos desastres naturais, além disso, a falta de visibilidade para essas tragédias impede a realização de mudanças.

Em primeiro lugar, postula-se que a vulnerabilidade social é responsável por agravar as crises de refugiados ambientais. Essa constatação pode ser observada por meio da comparação entre acontecimentos recentes no Japão e no Haiti. No Japão, um país rico e desenvolvido, ocorreu um terremoto seguido de tsunami, impactando uma usina nuclear em Fukushima. Embora esses desastres fossem, potencialmente, muito perigosos quando associados à energia nuclear, eles não trouxeram grandes transtornos para o país. Porém, no Haiti, a ocorrência de um terremoto abalou, severamente, o país subdesenvolvido, o que promoveu uma grave crise humanitária de refugiados, precisando contar com um projeto de auxílio da ONU, o Minustah. Desse modo, a partir dessa comparação, percebe-se como a vulnerabilidade social agrava as crises de refugiados ambientais.

Ademais, a precária visibilidade destinada para essas crises de cunho ambiental impede que mudanças sejam feitas. Nesse sentido, pode-se salientar que, enquanto tragédias humanitárias provocadas por questões geopolíticas ou étnico-religiosas possuem ampla divulgação midiática, a exemplo da guerra russo-ucraniana, o mesmo não se aplica para crises ambientais. Assim, apesar de raras exceções, como a de Greta, ativista jovem que vem alertando para a necessidade de uma cooperação mundial para conter as mudanças climáticas, muitas autoridades governamentais não se atentam para as problemáticas ambientais de seus países, como a seca na Caatinga brasileira ou a situação vivida pelas populações que vivem no semiárido do Sahel africano, que já promovem migrações forçadas devido às condições ambientais.

Em suma, pode-se afirmar que a vulnerabilidade social atua como agravante para as crises ambientais que resultam em inúmeros refugiados. Além disso, a visibilidade precária dessas crises pelas mídias impede que haja um entendimento da gravidade dessas tragédias, possibilitando, ainda mais, essas migrações forçadas.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 41,5

Atenção: Leia atentamente as instruções do cabeçalho de questões antes de preencher esta folha.

A vulnerabilidade social como agravante e a falta de visibilidade como prioridade das crises de refugiados (Título) ambientais

01 Na périe "O expresso do Amanhã", vê-se um mundo distópico, no qual a Terra foi congelada de
02 pois dos cientistas tentarem reverter o intenso aquecimento global. Por isso, a única forma restan-
03 te de sobrevivência foi entrar a bordo do Snoopertur, uma locomotiva que não para nunca, mas, para-
04 tanto, era preciso ser multimilionário e, sendo assim, as pessoas, sobretudo economicamente vulnerá-
05 veis, tiveram a morte como destino. De forma similar à ficção, nota-se na contemporaneidade, a
06 relação entre a vulnerabilidade social e os refugiados ambientais. Tal vulnerabilidade é respon-
07 sável por agravar os impactos dos desastres naturais, além disso, a falta de visibilidade para es-
08 sas tragédias impede a realização de mudanças.

09 Em primeiro lugar, postula-se que a vulnerabilidade social é responsável por agravar as cri-
10 ses de refugiados ambientais. Essa constatação pode ser observada por meio da comparação
11 entre acontecimentos recentes no Japão e no Haiti. No Japão, um país rico e desenvolvido, ocorreu
12 um terremoto seguido de tsunami, impactando uma usina nuclear em Fukushima. Embora esses
13 desastres fossem, potencialmente, muito perigosos quando associados à ^{energia} nuclear, eles não mu-
14 xaram grandes transtornos para o país. Porém, no Haiti, a ocorrência de um terremoto abalou severa-
15 mente o país subdesenvolvido, o que promoveu uma grave crise humanitária de refugiados, precisando
16 contar com um projeto de auxílio da ONU e o ministério. Dessa modo, a partir dessa comparação,
17 percebe-se como a vulnerabilidade social agrava as crises de refugiados ambientais.

18 Ademais, a precária visibilidade destinada para essas crises de risco ambiental impede que
19 mudanças sejam feitas. Nesse sentido, pode-se salientar que, enquanto tragédias humanitárias provo-
20 cadas por questões geopolíticas ou étnico-religiosas possuem ampla divulgação midiática, a ex-
21 plo da guerra russo-ucraniana, mesmo não se aplica para crises ambientais. Assim, apesar de
22 temas exóticos, como a de Greta, ativista jovem que vem alertando para a necessidade de uma coopera-
23 ção mundial para combater as mudanças climáticas, muitas autoridades governamentais não se atin-
24 tam para as problemáticas ambientais de países pobres, como a seca na caatinga brasileira ou a si-
25 tuação vivida pelas populações que vivem no semiárido do Sahel africano, que já promovem mi-
26 grações forçadas devido às condições ambientais.

27 Em suma, pode-se afirmar que a vulnerabilidade social atua como agravante para as cri-
28 ses ambientais que resultam em milhares de refugiados. Além disso, a visibilidade precária dessas
29 crises para a mídia impede que haja um entendimento da gravidade dessas tragédias, possibilitan-
30 do, ainda mais, essas migrações forçadas.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 41,5

Portinari e os novos retirantes ambientais

Pai e mãe com olhares de preocupação e tristeza; filhos raquíticos que se assemelham a ossos empilhados; tons sombrios e pálidos; ambiente seco e sem vida. Tal cenário é retratado na obra “Os Retirantes”, de Candido Portinari, que aborda, durante o século XX, a situação de famílias miseráveis nordestinas ao fugirem das condições de escassez hídrica e alimentar assoladoras da região. Embora a diferença temporal, quadros como esse se tornam cada vez mais comuns na hodiernidade, uma vez que a intensificação das anomalias ambientais, muitas vezes de causas antrópica, aumenta o número de refugiados dessa categoria, ampliando suas condições de vulnerabilidade social.

Considerando seus maiores afetados, pode-se afirmar que a migração ambiental é critério quantitativo de pobreza. Com foco de degradação em países pobres decorrentes da exploração natural intensa nesses, tais áreas se tornam mais propícias a desequilíbrios no meio, culminando em desastres. Dessa forma, a população afetada tem suas condições sociais e econômicas ainda mais agravadas, cenário esse a ser visto na África Subsaariana, região mais pobre e explorada em tempos de neocolonialismo no continente, que, segundo projeções, será a maior zona de saída desses imigrantes nas próximas décadas. Nesse sentido, locais ambientalmente desequilibrados são aqueles de maior vulnerabilidade social.

Previsto nos termos básicos de cidadania e presente na Constituição Federal Brasileira, o meio ecologicamente equilibrado deve ser garantido a todos os indivíduos, sendo essencial para plena vivência desses. Entretanto, tal garantia não se estende a toda a população global, como indicam dados crescentes para a quantidade de migrantes ambientais, sendo esses privados do benefício, o que implica na perda da condição cidadã por tal parcela. Assim, ocorre a desumanização do sujeito, o qual é inserido em situação de extrema vulnerabilidade e tem sua vida e liberdade ameaçadas, a exemplo do ocorrido no Haiti na década passada, em que estupros, agressões e fome foram intensificados no país, submetendo a população a uma existência degradante e marginal.

Mediante o exposto, é evidente que a questão dos refugiados ambientais expande e escancara a vulnerabilidade social sofrida por esses, tendo em vista seus âmbitos econômicos e suas implicações na cidadania. Sendo assim, caso esse cenário se mantenha, quadros como o pintado por Portinari, ganharão novos rostos na contemporaneidade.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 41,5

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Portinari e os novos refugiados ambientais

(Título)

01 Pai e mãe com olhos de presunção e tristeza; filhos requintados que se assemelham a ossos em-
02 pilhados; tons sombrios e pálidos; ambiente seco e sem vida. Tal cenário é retratado na obra "Os Re-
03 fugiados", de Cândido Portinari, que aborda, durante o século XX, a situação de famílias miseráveis na-
04 destinas ao fugir das condições de excessiva seca e alimentos assoladores da região. Embora a di-
05 ferença temporal, quadros como esse se tornam cada vez mais comuns na contemporaneidade, uma vez
06 que a intensificação das alterações ~~clima~~ ambientais, muitas vezes de causa antrópica, aumenta
07 o número de refugiados dessa categoria, ampliando suas condições de vulnerabilidade social.
08 Considerando suas maiores afetados, pode-se afirmar que a migração ambiental é critério quanti-
09 tativo de pobreza. Com foco de degradação em países pobres decorrente da exploração natural intensa
10 nesses, tais áreas se tornam mais propícias a desequilíbrios no meio, culminando em desastres.
11 Dessa forma, a população afetada tem suas condições sociais e econômicas ainda mais aggra-
12 vadas, cenário esse a ser visto na África subsaariana, região mais pobre e explorada em tem-
13 pos de neocolonialismo no continente, que, segundo projeções, será maior zona de saída des-
14 ses migrantes nas próximas décadas. Nesse sentido, locais ambientalmente desequilibrados
15 são aqueles de maior vulnerabilidade social.

16 Previsto nos termos básicos de cidadania e presente na Constituição Federal brasileira, o me-
17 io ecologicamente equilibrado deve ser garantido a todos os indivíduos, sendo essencial para
18 a plena vivência dessa. Entretanto, tal garantia não se estende a toda a população global, como
19 indicam dados crescentes para a quantidade de migrantes ambientais, sendo eles privados
20 do benefício, o que implica na perda da condição cidadã por tal perda. Assim, ocorre a di-
21 suminuição do sujeito, o qual é inserido em situação de extrema vulnerabilidade e tem
22 sua vida e liberdade ameaçados, a exemplo do ocorrido no Haiti na década passa-
23 da, em que estúpidos, agressões e fome foram intensificadas no país, submetendo a
24 população a uma existência degradante e marginal.

25 Mediante o exposto, é evidente que a questão dos refugiados ambientais expõe e es-
26 conhora a vulnerabilidade social sofrida por esses, tendo em vista seus âmbitos eco-
27 nômicos e suas implicações na cidadania. Sendo assim, caso esse cenário se moni-
28 tize, quadros como o pintado por Portinari ganharão novos rostos na contemporanei-
29 dade.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43

Ironia: lançar foguetes e gerar refugiados ambientais

A empreitada bilionária de colonização extra planetária é, sem dúvida, uma das maiores ironias atuais: Um projeto encabeçado por super ricos de países desenvolvidos sob a justificativa de que a humanidade pode vir a precisar de um “back up”. Enquanto isso, crises reais acontecem. Milhares de pessoas, obrigadas a migrarem contra a própria vontade, devido ao agravamento de fatores climáticos, como enchentes, solos inférteis e baixa disponibilidade de água potável, formando grupos enormes de refugiados ambientais. Ao deixarem sua terra natal, essas pessoas acabam privadas da proteção social que todos deveriam ter direito, posto que são imigrantes, posto que são pobres.

Nesse cenário, apesar de serem os mais afetados, os países desenvolvidos estão no centro do problema, pois consomem, e conseqüentemente poluem, como nenhum outro. Após diversas conferências pelo clima, a solução ainda se mostra insuficiente, uma vez que, do embate entre desenvolvimento a qualquer custo e desenvolvimento sustentável, surgiu o crédito de carbono. Assim, paga-se pela poluição, mas o problema permanece, e os mais afetados, dado que não há trégua com a crise climática, perdem suas casas, plantações, espaços culturais e se tornam entraves diplomáticos.

O filósofo Hans Jonas, ao tratar da ética ambiental, defende que as ações do presente não devem comprometer as gerações futuras. Porém, os impactos ambientais têm afetado já as gerações atuais. Ao migrarem, os refugiados ambientais perdem parcas garantias sociais de seus países de origem e, muitas vezes, passam a depender de órgãos internacionais, como ONU e UNICEF. A diplomacia, que deveria ter papel acolhedor, é insuficiente, uma vez que os países envolvidos, como nas recentes enchentes de monções que assolaram o Paquistão, não são países ricos, com recursos suficientes para garantir a proteção social necessária.

Por fim, diante desse contexto, recursos valiosos que poderiam ser usados para amenizar os impactos ambientais por parte dos países desenvolvidos é literalmente queimado em combustível de foguete, contribuindo ainda mais para o problema do que para a solução.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43

Ironia: Lançar foguetes e gerar refugiados ambientais
(Título)

01 A empreitada bilionária de colonização extra planetária é, sem dúvida,
02 uma das maiores ironias atuais: Um projeto encabeçado por super ricos de países
03 desenvolvidos sob a justificativa de que a humanidade pode vir a precisar de um
04 "back up". Enquanto isso, crises reais acometem milhões de pessoas, obrigadas
05 a migrarem contra a própria vontade, devido ao agravamento de fatores climá-
06 ticos, como enchentes, solos infértis e baixa disponibilidade de água potável,
07 formando grupos enormes de refugiados ambientais. Ao deixarem sua terra
08 natal, essas pessoas acabam privadas da proteção social que todos deveriam
09 ter direito, posto que são imigrantes, posto que são pobres.

10 Nem cenário, apesar de serem os menos afetados, os países desenvolvi-
11 dos estão no centro do problema, pois consomem, e consequentemente
12 poluem, como nenhum outro. Após diversas conferências pelo clima, a
13 solução ainda se mostra insuficiente, uma vez que, do embate entre desenvolvimento
14 voluntário a qualquer custo e desenvolvimento sustentável, surgiu o crédito de
15 carbono. Assim, paga-se pela poluição, mas o problema permanece; e os mais
16 afetados, dado que não há trégua com a crise climática, perdem suas casas,
17 plantações, espaços culturais e se tornam outraves diplomáticos.

18 O filósofo Hans Jonas, ao tratar da ética ambiental, defende que as
19 ações do presente não devem comprometer as gerações futuras. Porém, os
20 impactos ambientais têm afetado já as gerações atuais. Ao migrarem, os refugio-
21 dos ambientais perdem parcas garantias sociais de seus países de origem e,
22 muitas vezes, passam a depender de órgãos internacionais, como ONU e UNICEF.
23 A diplomacia, que deveria ter papel acolhedor, é insuficiente, uma vez
24 que os países envolvidos, como nos recentes enchentes de monções que
25 assolaram o Paquistão, não são países ricos, com recursos suficientes
para garantir a proteção social necessária.

Por fim, diante desse contexto, recursos valiosos que poderiam ser
usados para amenizar os impactos ambientais por parte dos países desenvolvidos é literalmente queimado em combustível de foguete, contribuindo
do mais para o problema do que para a solução.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43

Crise humanitária ambiental : desigualdades e individualismo

O Acordo de Glasgow, assinado durante a COP-26, na Escócia, buscou reforçar as metas ainda não atingidas estipuladas pelo famoso Acordo de Paris, firmado em 2015. A revisão deste acordo evidenciou ao mundo como a realidade se distanciava das metas de redução do aquecimento global, já que a economia assume papel central dentro do cenário capitalista da contemporaneidade. Assim, mesmo com os diversos alertas da ONU através dos relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental das Nações Unidas para as Mudanças climáticas), os quais afirmam que a temperatura média global já aumentou cerca de 0,8 C em relação aos níveis pré- industriais, governos e líderes políticos assumem posturas negacionistas ao visar o lucro econômico a curto prazo, a partir da depredação dos recursos naturais. Desse modo, cresce na atualidade uma crise humanitária, principalmente nos países subdesenvolvidos, de refugiados ambientais, intensificada pela ação predatória e postura individualista da ordem neoliberal.

O discurso do presidente das ilhas do país Tuvalu, durante a COP-26 chamou a atenção de líderes mundiais e instituições ambientais. O presidente proferiu o discurso em uma área continental totalmente alagada, causada pela elevação do nível dos oceanos. Nesse sentido, a denúncia das mudanças climáticas por um país tão pequeno e pobre evidencia como as consequências são diferentes de acordo com a condição econômica do país, o que pode ser visto pela construção de barragens do projeto bilionário “Moisés”- em Veneza, na Itália, que sofre com o mesmo problema de Tuvalu, mas que possui condições para remediar o ocorrido. Logo, fica claro como o conceito de "necropolítica" do filósofo Mbembe se impõe também na esfera ambiental, uma vez que, a ordem econômica “escolhe” quem pode ou não sobreviver, já que o sistema capitalista atribui valor a algumas vidas somente. Dessa maneira refugiados ambientais são primordialmente originários de regiões pobres no mundo.

Ademais, sob a ótica neoliberal, na qual prevalece o individualismo, a teoria do filósofo Hans Jonas do “ Princípio da Ética e Responsabilidade” é descaracterizada. Jonas afirmava que era fundamental a humanidade mover-se a partir da responsabilidade de preservação dos recursos naturais para garantir a sobrevivência das gerações futuras. Entretanto, o que se observa hoje é uma lógica imediatista e egocêntrica, pautada no consumo em massa e na produção do maior lucro possível, seja qual for o custo ambiental ou consequências futuras. Nesse contexto, situações de vulnerabilidade social se alastram pelo mundo, no qual a busca por benefícios próprios se sobrepõe ao princípio de Hans Jonas.

Fica evidente, portanto, que a omissão e o descumprimento das metas ambientais estabelecidas nos acordos mundiais intensificam os desastres ambientais que atingem de modo desigual os países desenvolvidos e emergentes. Além disso, o descaso e o imediatismo neoliberal corroboram a vulnerabilidade social.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Crise humanitária ambiental: desigualdades e individualismo.
(Título)

01 O Acordo de Glasgow, assinado durante a COP-26, na Escócia, buscou reforçar as metas ainda
02 não atingidas estipuladas pelo famoso Acordo de Paris, firmado em 2015. A revisão desse acordo ender-
03 teceu ao mundo como a realidade de distanciamento das metas de redução do aquecimento global, já que a eco-
04 nomia assume papel central dentro do cenário capitalista da contemporaneidade. Assim, mesmo com os
05 diversos alertas da ONU através dos relatórios do IPCC (Panel Intergovernmental das Nações Unidas
06 para as Mudanças Climáticas) ^{os quais} ~~que~~ afirmam que a temperatura média global já aumentou cerca de 1°C
07 em relação aos níveis pré-industriais, governos e líderes políticos adotam posturas negacionistas por
08 ar o futuro econômico, a curto prazo, a partir da depredação dos recursos naturais. Dessa modo, cresce
09 na atualidade uma crise humanitária, principalmente, nos países subdesenvolvidos, de refugiados am-
10 bientais, intensificada pela ação predatória e postura individualista da ordem neoliberal.

11 O discurso do presidente das Ilhas do país Tuvulu, durante a COP-26 chamou a atenção de líderes
12 mundiais e instituições ambientais. O presidente proferiu o discurso em uma ilha continental totalmen-
13 te alagada causada pela elevação do nível dos oceanos. Nesse contexto, a denúncia das mudanças cli-
14 máticas por um país tão pequeno e pobre evidencia como as consequências são diferentes de acordo com a
15 condição econômica dos países, o que pode ser visto pela construção de barragens do projeto bilionário-
16 "Urseis" - em Veneza na Itália, que sofre o mesmo problema de Tuvulu, mas que possui condições
17 para remediar o ocorrido. Logo, fica claro como o conceito de "neopolítica" do filósofo Hobsbawm
18 impõe também na esfera ambiental, uma vez que a ordem econômica exclui "quem pode ou não sobrevi-
19 ver", já que o sistema capitalista atribui valor a algumas vidas humanas. Dessa maneira, refugiados am-
20 bientais são, predominantemente, originários de regiões pobres do mundo.

21 Ademais, sob a ótica neoliberal, na qual prevalece o individualismo, a teoria do filósofo Hans Jonas
22 do "Princípio da ética e da responsabilidade" é desconsiderada. Jonas afirmava que era fundamental
23 a humanidade mover-se a partir da responsabilidade de preservação dos recursos naturais para garantir a
24 sobrevivência das gerações futuras. Entretanto, o que se observa hoje é uma lógica imediatista e egotís-
25 trica, pautada no consumo em massa e na produção do maior lucro possível, seja qual for o custo am-
26 biental ou consequências futuras. Nesse contexto, situações de vulnerabilidade social se alastram pelo mundo,
27 no qual, a busca por benefícios próximos se sobrepõe ao princípio de Hans Jonas.

28 Há evidente, portanto, a omissão e o descumprimento das metas ambientais estabelecidas nos acordos
29 dos mundiais, intensificando os desastres ambientais que atingem de modo desigual os países desenvolvidos
30 e emergentes. Além disso, o descaso e o imediatismo neoliberal corroboram a vulnerabilidade social.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43

O migrante invisibilizado

Segundo a Geografia, não há região, no planeta, que o ser humano não tenha afetado. Dentre vários resultados da interferência antrópica, há o Aquecimento Global, que aumentou a temperatura média do mundo, desequilibrando fenômenos essenciais, como a chuva. Como consequência, as populações, que dependem do meio ambiente, são afetadas, de modo que podem ser expulsas do seu lar pela necessidade de sobrevivência. Desse modo, refugiados ambientais se encontram em uma posição negativa de vulnerabilidade social, pois ocupam um lugar marginal na sociedade e são mal vistos pelas ideias nacionalistas.

Primeiramente, a Necropolítica é uma teoria socióloga, a qual defende que há uma atitude consciente dos Estados de adotar uma cegueira a um segmento vulnerável da população, porque a sua morte é considerada de menor importância. Essa análise sustenta a posição marginal dos migrantes climáticos, já que um indivíduo pobre, que perde o pouco que possuía em um desastre, é visto como um peso pelas autoridades, de forma que potenciais mortalidades são naturalizadas ao invés do esforço estatal para a proteção. Por exemplo, há os deslizamentos que ocorreram em cidades mineiras com o excesso de chuva, em que o despreparo causado pela negligência às moradias precárias pelo governo, resultou em pessoas fragilizadas com a necessidade de deslocamento. Logo, ocorre a diminuição da expectativa de vida do cidadão em condição de pobreza, a medida que sua existência é desvalorizada.

Em Segundo lugar, a ascensão do nacionalismo dificulta a cooperação com pessoas em vulnerabilidade social. Acerca disso, nota-se a eleição atual de um partido ultranacionalista na Itália, que, de acordo com o jornal O Globo, tem a diminuição do acolhimento de refugiados como promessa ao povo italiano. Ou seja, a crença de que a ajuda ao estrangeiro vulnerável é um ato antinacional justifica a fragilidade da condição desse grupo, visto que, por exemplo, indivíduos na região do Sahel, expulsos pela desertificação do local fortalecida pelo Aquecimento Global, permanecem em condições desumanas com a negação de contribuição. Desse modo, intensifica-se a intolerância ao migrante climático, uma vez que aumenta o discurso que induz salvar a si mesmo.

Portanto, os refugiados ambientais estão em uma posição negativa de vulnerabilidade social, seja por estarem à margem da sociedade, seja por serem mal vistos pelo nacionalismo. Como resultado, ocorre a diminuição da sua expectativa de vida e o aumento da intolerância ao migrante invisibilizado.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43

O migrante ~~está~~ invisibilizado...
(Título)

01 Segundo a Geografia, não há região, no planeta, que o ser humano não tenha afetado. De-
02 tre vários resultados da interferência antrópica, há o Aquecimento Global, que aumentou a tem-
03 peratura média do mundo, desequilibrando fenômenos essenciais, como a chuva. Como conse-
04 quência, as populações, que dependem do meio ambiente, são afetadas, de modo que podem
05 ser expulsas do seu lar pela necessidade de sobrevivência. Desse modo, refugiados ambientais
06 se encontram em uma posição negativa de vulnerabilidade social, pois ocupam um lugar
07 marginal na sociedade e são mal vistos pelas ideias nacionalistas.

08 Primariamente, a Necropolítica é uma teoria sociológica, a qual defende que há uma ati-
09 tude consciente dos Estados de adotar uma postura a um segmento ~~voto~~ vulnerável da
10 população, porque a sua morte é considerada de menor importância. Essa análise sustenta
11 a posição marginal dos migrantes climáticos, já que um indivíduo pobre, que perde o
12 pouco que possuía em um desastre, é visto como um peso pelas autoridades, de forma
13 que potenciais mortalidades são naturalizadas ao invés do esforço estatal ^{para a} proteção.
14 Por exemplo, há os deslizamentos que ocorreram em cidades mineiras com o excesso de chu-
15 va, em que o despreparo causado pela negligência às moradias precárias pelo governo, resul-
16 tou em pessoas fragilizadas com a necessidade de deslocamento logo, ocorre a diminuição
17 da expectativa de vida do ^{cidadão} ~~povo~~ em condição de pobreza, a medida que sua existência ~~rece-~~
18 ~~be~~ é desvalorizada.

19 Em Segundo lugar, a ascensão do nacionalismo dificulta a ^{pessoas} ~~comparação~~ com ^{refugiados} ~~refugiados~~
20 em vulnerabilidade ^{social}. Acerca disso, nota-se a eleição ^{atual} de um partido ultranacionalista na ~~Itália~~
21 Itália, que, de acordo com o jornal O Globo, tem a diminuição do acolhimento de re-
22 fugiados como promessa ao povo italiano. Ou seja, a crença de que a ajuda ao estrangei-
23 ro ~~voto~~ vulnerável é um ato antinacional justifica a fragilidade da condição desse grupo,
24 visto que, por exemplo, indivíduos, na região do Sahel, expulsos pela desertificação do local
25 fortalecida pelo Aquecimento Global, permanecem em condições desumanas com a negação de
26 contribuição. Desse modo, ~~há~~ intensifica-se a intolerância ao migrante climático, uma vez que
27 aumenta o discurso que induz salvar a si mesmo.

28 Portanto, os refugiados ambientais estão em uma posição negativa de ^{vulnerabilidade} ~~voto~~ social, ^{estão} ~~seja~~ por ~~estar~~ ^{serem} ~~em~~ a mar-
29 gem da sociedade, ~~seja~~ ^{serem} ~~por~~ ^{serem} ~~mal~~ ^{mal} vistos pelo nacionalismo. Como resultado, ocorre a diminuição da ^{so-}
30 expectativa de vida ~~deles~~ e o aumento da intolerância ao migrante ~~climático~~ ^{invisibilizando}.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43,5

Influência mútua e patológica: refúgio ambiental e vulnerabilidade

Na perspectiva funcionalista do pensador Émile Durkheim, existem três estados em que a sociedade pode encontrar-se: em normalidade, anomia ou patologia social. A situação normal marca a estabilidade para toda a população, enquanto a anomia é a transição para a patologia, em que o desequilíbrio e a perda dos laços de solidariedade estão instaurados. Aplicando o método do sociólogo ao período hodierno, é evidente como a relação entre a crise dos refugiados ambientais e a vulnerabilidade social é patológica, tendo em vista a instabilidade e o enfraquecimento da coesão social geradas por tais fatos de forma desigual.

Nessa lógica, o Haiti corresponde a um exemplo da influência da vulnerabilidade no refúgio ambiental. O país foi severamente atingido por um tsunami no início do século XXI e, conseqüentemente, os haitianos enfrentaram estorvos como falta de suprimentos e habitação precária. Além disso, a pré-existente pobreza da região e do Estado contribuiu para a patologia criada: a emigração e busca de refúgio. Sem embargo, isso não é observado em locais desenvolvidos, como o Japão, em que a eficiente máquina pública repara os danos à população quando ocorrem os frequentes eventos ambientais. Logo, essa crítica desigualdade mundial é representada pela vulnerabilidade dos países subdesenvolvidos. Essa, por sua vez, amplifica a busca de refúgio.

Ademais, a relação inversa é verossímil: a crise ambiental promove a vulnerabilidade social. Isso acontece porque a coesão social na humanidade, marcada pela solidariedade, está perdida em decorrência da ordem neoliberal. As nações não tomam medidas multilaterais, apenas unilaterais, objetivando apenas o próprio desenvolvimento. Assim, frente às crises ambientais e migrações em massa por refúgio, observa-se o fechamento das fronteiras dos possíveis países que têm condições de abrigar essas populações, como acontece na Hungria. Dessa maneira, a patologia consiste no desabrigo e na vulnerabilização dos refugiados.

Dessarte, há uma influência mútua na relação entre refúgio ambiental e vulnerabilidade social. Uma situação prejudica a outra e vice-versa devido à desigualdade entre os países e à perda da solidariedade. Ou seja, na análise durkheimiana, a sociedade distancia-se da normalidade.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 43,5

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Influência mútua e patológica: refúgio ambiental e vulnerabilidade
(Título)

01 Na perspectiva funcionalista do pensador Émile Durkheim, existem três estados
02 em que a sociedade pode encontrar-se: um normalidade, anomia ou patologia
03 social. A situação normal marca a estabilidade para toda a população, encon-
04 ta a anomia é a transição para a patologia, em que a desequilíbrio e a perda
05 dos laços de solidariedade estão inturados. Aplicando o método da sociologia
06 ao período moderno, é evidente ~~que~~ como a relação entre a crise dos refugiados
07 ambientais e a vulnerabilidade social, é patológica, tendo em vista a instabilidade e o
08 enfraquecimento da coesão social gerados por tais fatores de forma desigual.

09 Nessa lógica, o Haiti corresponde a um exemplo da influência da vul-
10 nerabilidade na refúgio ambiental. O país foi severamente atingido por um
11 tsunami no início do século XXI e, conseqüentemente, os haitianos enfrentaram
12 estorvos como falta de suprimentos e a habitação precária. Além disso, a pré-existen-
13 te pobreza da região e do Estado contribuiu para a patologia criada: a emi-
14 gração e busca de refúgio. No entanto, isso não é observado em ~~os~~ locais
15 desenvolvidos, como o Japão, em que a eficiente máquina pública repara os
16 danos à população quando ocorrem os frequentes eventos ambientais. Logo, em
17 crítica desigualdade mundial é representada pela vulnerabilidade dos países subdesenvolvidos.
18 Isso, por sua vez, amplifica a busca de refúgio.

19 Ademais, a relação inversa é verossímil: a crise ambiental promove a vul-
20 nerabilidade social. Isso acontece porque a coesão social na humanidade, marcada
21 pela solidariedade, está perdida em decorrência da ordem neoliberal. As nações não
22 tomam medidas multilaterais, apenas unilaterais, ~~se~~ objetivando apenas o próprio desen-
23volvimento. Assim, frente à crises ambientais e migrações em massa por re-
24 fúgio, observa-se o fechamento das fronteiras dos países que têm con-
25 dições de abrigar essas populações, como acontece na Hungria. Dessa maneira, a
26 patologia consiste na desabriga e na vulnerabilização dos refugiados.

27 Desse modo, há uma influência mútua na relação entre refúgio ambiental
28 e vulnerabilidade social. Uma situação prejudica a outra e vice-versa de-
29 vido à desigualdade entre os países e à perda da solidariedade. Ou seja,
30 na análise durkheimiana, a sociedade distorce-se da normalidade.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 44,5

A Ditadura Empresarial

De acordo com o filósofo contratualista, Thomas Hobbes - em seu livro, "Leviatã" - "O Homem é o lobo do Homem". Tal constatação traz como ideia central o fato de que os seres humanos, para alcançarem seus objetivos, acabam por passar um por cima dos outros. Decerto, ao se analisar a questão dos refugiados ambientais e suas respectivas condições de vulnerabilidade social, percebe-se, veementemente, essa tal contradição humana proposta por Hobbes - tendo em vista que os desastres naturais são intensificados pela ação antrópica por via da agroindústria capitalista e, no entanto, sendo sentidas demasiadamente por pessoas que nem os causam.

De início, é cabível pontuar que a intensificação dos desastres naturais é causada pelo aumento dos gases de efeito estufa promovida pela ação da agropecuária e indústria. No livro "Inteligência Ecológica", do Daniel Goleman, o ambientalista afirma que as grandes empresas - donas de latifúndios agropecuaristas e indústrias - não se importam com as consequências de suas produções danosas pois os indivíduos que as coordenam apenas almejam o lucro. Desse modo, fica evidente que as mudanças climáticas do planeta Terra - e seus consequentes desastres ambientais - são causados por uma minoria milionária que acarretam em consequências desastrosas às populações pobres que chegam a perder seus bens ou sua vida em eventos catastróficos.

Ademais, vale ressaltar a contradição do sistema capitalista e seus falsos discursos humanitários. A esse respeito, no livro "Estado de Exceção" do filósofo italiano, Giorgio Agamben, o teórico discorre que o Estado de Direito - aquele que assegura a todos os indivíduos os direitos básicos de uma Constituição Cidadã e Democrática - é seletivo e diferente para cada classe social, pois pessoas pobres subalternizadas não são acometidas com tais direitos básicos - a medida que eles são retirados pelo próprio sistema capitalizado ou sequer existiram. Nesse contexto, fica nítido que refugiados ambientais não vivem em seu Estado de Direito - uma vez que perdem suas casas e entes queridos e não são assistidos por esse sistema que os diz protegerem - posto que o número de refugiados só aumenta e os verdadeiros culpados por essas tragédias não são culpabilizados.

Evidencia-se, à luz do exposto, que a crise de refugiados ambientais e suas condições de vulnerabilidade são intensificados pela imprudência burguesa em relação ao meio ambiente e à desigualdade social - que acaba por causar a desigualdade de direitos - entre pessoas ricas, que continuam tendo acesso a uma casa, e pessoas pobres, que perdem o direito à moradia e à vida quando são acometidas por desastres ecológicos. Assim, fica clara a relação hierárquica que as empresas causam na sociedade - o que constata, ainda mais, a teoria de Thomas Hobbes.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 44,5

A Ditadura Empresarial

(Título)

De acordo com o filósofo contratualista, Thomas Hobbes - em seu livro, "Leviatã" - "O Homem e o Leão do Homem". Tal contradição traz como ideia central o fato de que os seres humanos, para alcançarem seus objetivos, ~~se~~ acabam por passar um por cima dos outros. Decerto, ao se analisar a questão dos refugiados ambientais e suas respectivas condições de vulnerabilidade social, percebe-se, veementemente, uma tal contradição humana ~~por~~ proposta por Hobbes - tendo em vista que os desastres naturais são intensificados pela ação antrópica por meio da agroindústria capitalista e, no entanto, sendo sentidos demasiadamente por pessoas que nem os causam.

De início, é cabível pontuar que a intensificação dos desastres naturais é causada pelo aumento dos gases de efeito estufa promovida pela ação da agropecuária e indústria. No livro "Inteligência", "Inteligência Ecológica", de Daniel Goleman, o ambientalista afirma que as grandes empresas - donas de sacifindias agropecuárias e industriais - não se importam com as consequências de suas produções ~~com~~ ^{para} ~~donos~~ ^{para} os indivíduos que as cercam apenas alijam fies o lucro. Deste modo, fica evidente que as mudanças climáticas do planeta Terra - e seus conseqüentes desastres ambientais - são causados por uma minoria milionária que acometam em conseqüências devastadoras as populações pobres que chegam a perder sua base de sua vida em eventos catastróficos.

Ademais, vale ressaltar a contradição do sistema capitalista e seus falsos discursos humanitários. A esse respeito, no livro "Estado de Exceção" do filósofo italiano, Giorgio Agamben, o teórico afirma que o Estado de Direito - aquele que assegura a todos os indivíduos os direitos básicos de uma Constituição Cidadã e Democrática - é relativo e diferente para cada classe social, pois pessoas pobres ~~salientemente~~ não são ~~concedidas~~ com tais direitos básicos - a medida que elas são refinadas pelo próprio sistema capitalizado ou sequer sofriam. Neste contexto, fica nítido que refugiados ambientais não vivem em seu Estado de Direito - uma vez que perdem suas casas e entes queridos por causa e não são assistidos por um sistema que ~~deve~~ ^{deve} proteger os ~~de~~ ^{de} protegê-los - posto que o número de refugiados ~~se~~ aumenta e os verdadeiros culpados por essas tragédias não são culpabilizados.

Evidencia-se, à luz do exposto, que a crise dos refugiados ambientais e suas condições de vulnerabilidade são intensificadas pela impudência burguesa em relação ao meio ambiente e à desigualdade social - que acaba por causar a desigualdade de direitos - entre pessoas ricas, que continuam tendo acesso a uma casa, e pessoas pobres, que perdem o direito à moradia e à vida quando são acometidas por desastres ecológicos. Assim, fica clara a relação hierárquica que as empresas causam na sociedade - o que constata, ainda mais, a teoria de Thomas Hobbes.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 44,5

Retirante Universal

Rostos apáticos e desiludidos; olhares perdidos no horizonte seco e sem vida; crianças esqueléticas e adultos macérrimos: um grupo de pessoas que anda em busca de um lugar melhor, levando consigo apenas a roupa do corpo. A imagem descrita trata-se da magnífica obra “Os Retirantes”, do pintor Cândido Portinari, elaborada no século XX, mas poderia muito bem retratar a triste realidade de milhares de refugiados ambientais ao redor do mundo -os quais, assim como os retirantes nordestinos, fogem de condições climáticas adversas- um grupo composto principalmente por indivíduos socialmente vulneráveis. Nesse sentido, o aquecimento global e a manipulação estatal explicam essa problemática.

Aquele fator, de início, pode ser elucidado por um conceito criado pelo sociólogo Jeremy Bentham. Chamado de Utilitarismo, essa ideia consiste na análise das ciências desenvolvidas pelo homem como ferramentas utilizadas para a dominação e exploração da natureza, submetendo esta aos vis desejos industriais. Como resultado dessa submissão, constatam-se na contemporaneidade diversas alterações ambientais, como mudanças no ciclo hidrológico, na circulação atmosférica e aumento do nível dos oceanos, o que gera secas prolongadas, ciclones mais frequentes e alagamentos. Todas essas catástrofes atingem, majoritariamente, países subdesenvolvidos, que concentram uma expressiva população pobre, como mostra o relatório do Banco Mundial. Desse modo, a vulnerabilidade social se associa intimamente à vulnerabilidade ambiental.

Além disso, a impossibilidade de intervenções do Estado para conter as mudanças climáticas agrava esse cenário desolador. Isso porque o modelo político-econômico neoliberal vigente desconsidera os danos ao planeta, causados pela exploração predatória dos recursos naturais, ao visar apenas ao lucro proveniente da exploração. Em outras palavras, os grandes proprietários dos meios de produção consideram os refugiados ambientais um insignificante contratempo, e o colapso climático que beira o planeta perde sua importância diante dos valiosos números da bolsa de valores. Assim, os capitalistas voltam seus esforços para a eleição de presidentes, deputados e senadores que se posicionem em defesa da poluição, da grilagem e do desmatamento, de modo que o Estado fica incapaz de socorrer os retirantes ambientais, dada essa manipulação.

As mudanças climáticas criam, pois, um grupo de pessoas que sofre as consequências das ações de homens gananciosos e egoístas, que manipulam os aparatos estatais em favor de seus interesses destrutivos. Por fim, os refugiados, ao invés de acolhidos, são marginalizados e esquecidos por causa dessa política nefasta, de tal forma que o quadro de Portinari permanece como um registro da atualidade mesmo após 70 anos após sua composição.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 44,5

Redação - FUVEST 2023

Retirante universal
(Título)

01 Rastros apáticos e desiludidos; olhos perdidos no horizonte vazio e sem vida; crianças esqueléticas e
02 adultos incógnitos: um grupo de pessoas ^{que} ~~anda~~ em busca de um lugar melhor, levando consigo apenas
03 o resto do corpo. A imagem desolada trata-se da magnífica obra "Os Retirantes", do pintor Cândido Portinari, elab-
04 orada no século XX, mas parece muito bem retratar o triste realidade de milhões de refugiados ambien-
05 tais ao redor do mundo - os quais, assim como os retirantes nordestinos, fogem de condições climáticas alter-
06 sas - um grupo composto principalmente por indivíduos verdadeiramente vulneráveis. Nesse sentido, o aqueci-
07 mento global e o manipulado estatal explicam essa problemática.

08 Aquela Fátia de início, pode ser elucidada por um conceito criado pelo sociólogo Jeremy Ben-
09 tham. Chamado de Utilitarismo, essa ideia consiste no análise das ações desenvolvidas pelo homem
10 como ferramentas utilizadas para a dominação e exploração da natureza, submetendo esta aos vis
11 desejos industriais. Como resultado dessa submissão, podem constatar-se na contemporaneidade di-
12 versas alterações ambientais, como mudanças no ciclo hidrológico, no ciclo das atmosferas e au-
13 mento do nível dos oceanos, o que gera secas prolongadas, ciclones mais frequentes e devastadores.

14 Todos esses catástrofes atingem, majoritariamente países subdesenvolvidos, que concentram uma ex-
15 pressiva população pobre, como mostra o relatório de Banco Mundial. Desse modo, a vulne-
16 rabilidade social se associa intimamente à vulnerabilidade ambiental.

17 Além disso, a impossibilidade de intervenções do Estado para conter as mudanças climá-
18 ticas agrava esse cenário desolador. Isso porque o modelo político-econômico neoliberal vigi-
19 ta desconsidera os danos ao planeta, causados pela exploração predatória dos recursos naturais,
20 ao visar apenas ao lucro proveniente dessa exploração. Em outras palavras, os grandes corpora-
21 rios das meios de produção consideram os refugiados ambientais um insignificante contraponto,
22 e o colapso climático que beira o planeta, perde sua importância diante dos valores numéricos
23 da Balança de Valores. Assim, os capitalistas voltam seus esforços para a eleição do presidente,
24 deputado e senador que se posicionem em defesa da poluição, da corrupção e do desmatamento,
25 de modo que o Estado fica incapaz de enfrentar os retirantes ambientais, dada essa manipulação.

26 As mudanças climáticas criam, por isso, um grupo de pessoas que sofre as consequências
27 das ações de homens generosos e egoístas, que manipulam os aparatos estatais em favor
28 de seus interesses destrutivos. Por fim, os refugiados, os inválidos de acolhidos, são margina-
29 lizados e esquecidos por causa desse político nefasto, de tal forma que o quadro
30 de Portinari permanece como um registro do atualidade mesmo 70 anos após sua composição.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 47

Esperança barrada

“Que fazia ali virado para trás?” Fabiano e sua família, personagens da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, deixam sua terra e caminham pelo sertão, guiados pela esperança de fugir da seca, representada pela cachorra Baleia. No século XIX, a narrativa graciliana que retrata o nordestino do século anterior, espelha os desafios modernos impostos ao sul global. Apesar de desastres como enchentes e terremotos, assim como a seca, serem tratados como naturais, suas consequências são reservadas àqueles de maior vulnerabilidade social. A era contemporânea de consumo em massa, descarte e individualismo produz, então, Fabianos modernos que seguem em busca de refúgio, conscientes do preconceito e desprezo que os aguardam, sem o luxo de poder olhar para trás.

A desigualdade das sociedades atuais, herdada de tempos passados, permeia diferentes estratos da dinâmica mundial, sendo reconhecida, por último, no racismo ambiental. Apesar de ser um termo relativamente novo, essa dinâmica denuncia a nova profundidade das cicatrizes do colonialismo, na qual as regiões que menos contribuem para a crise ambiental, como a África Subsaariana, são as consolidadas como as regiões das perdas globais. Assim como no sertão de Graciliano, em que seu problema não estão na seca, mas na cerca; as populações de maior vulnerabilidade social do planeta, que desfrutam de relações orgânicas com o meio que as cerca, veem-se obrigadas a deixar suas terras e, junto delas, as raízes de suas identidades, como resultado de um longo processo de acesso restrito às riquezas de seus territórios. Dá-se início, então, a uma peregrinação forçada de negligenciados ambientais que precisam apegar-se à expectativa de melhores condições de vida para encarar a resistência social que se anuncia.

No outro extremo dessa problemática, encontra-se o norte global, o ilustrativo homem do século XXI, que representa os paradoxos de uma contemporaneidade sustentável. A identidade volátil que precisa de constante validação na compra e o individualismo desse narciso que prioriza seu bem estar e seu conforto entram em conflito direto com a busca por uma existência que não ameace a autêntica vida humana de gerações futuras defendida por Hans Jonas na ética da responsabilidade. O homem das coisas pouco duráveis já ameaça a autêntica vida humana de seus contemporâneos e, como forma de ignorar a culpa que bate à porta com a crise de refugiados das últimas décadas, reage ao outro com desprezo. A crescente onda de xenofobia em países que historicamente exploram as regiões de origem dos refugiados, como ilustrado pelo Brexit, com o receio dos ingleses à livre circulação de pessoas na Europa, retratam o indivíduo egoísta que ignora seu impacto na coletividade. Dessa forma, enquanto o homem da metrópole criou as pressões que expulsam os povos vulneráveis, o homem moderno impõe a cerca àqueles que só podem caminhar à frente.

A crise ambiental atual, portanto, se concentra sobre aqueles em vulnerabilidade social, ainda que seja produto do homem que explora e se apropria dos recursos. Dessa forma, a desigualdade social, que se estende ao espaço físico, expulsa populações conferindo a elas a condição de refugiados que, ao invés de despertar a empatia e a solidariedade dos que usufruem das suas consequências para viver em conforto, causa repulsa. Cria-se, assim, Fabianos modernos que deixam para trás uma vida, guiados pela esperança do mar semântico contido em Baleia e são recebidos com barragens sem o receio de torná-los andarilhos eternos.

Experiencia basada
(Título)

Redação - FUVEST 2023

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 47

A catástrofe gerada pelo lucro

No mesmo período em que bilionários emitem milhares de toneladas de gases de efeito estufa para andar em um foguete durante trinta minutos, dezenas de povos convivem com a possibilidade de perderem seus lares devido à elevação dos níveis dos mares, consequência direta do aquecimento global. Essa situação não é um fenômeno isolado, mas sim retrato da lógica capitalista, na qual o desejo individual prevalece sobre o bem comum. Desse modo, enquanto uma minoria devasta o planeta em seu benefício, populações socialmente vulneráveis tornam-se refugiadas ambientais como consequência.

Em uma análise generalista, os países desenvolvidos, minorias no globo, são os principais responsáveis pela degradação ambiental, uma vez que geram, diariamente, toneladas de gases de efeito estufa na atmosfera pela queima de combustíveis fósseis, base da sua cadeia produtiva. A partir disso, ao invés de combater essa prática, o ex-presidente americano, Donald Trump, retirou o país de acordos climáticos, sob a justificativa de que a redução da emissão de gases seria prejudicial à economia da potência. Logo, ao preferir o lucro à preservação ambiental, fica evidente a valorização da lógica capitalista.

Consequentemente, no cenário instaurado, países mais pobres sofrem os maiores impactos devido à sua vulnerabilidade social. Essa situação pode ser corroborada a partir de dados que mostram a maior quantidade de refugiados oriundos dessas regiões. Como exemplo, com a alteração da temperatura dos oceanos, furacões passam a ser mais frequentes na faixa Equatorial, e ao atingir países como o Haiti, profundamente fragilizado por outros desastres ambientais, causa danos ainda maiores, impulsionando, assim, um grande fluxo migratório de refugiados. Com isso, o modelo capitalista existente mostra-se egoísta e desigual.

Portanto, enquanto a lógica capitalista comandar as questões ambientais, o lucro será privilegiado em relação ao bem estar coletivo, mantendo o cenário dos refugiados ambientais uma realidade para muitos. Quiça será possível ver o caos da janelinha de um foguete de tamanha proporção que tomará.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 47

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

A catástrofe gerada pelo lucro.
(Título)

01 No mesmo período em que bilionários emitem milhares de toneladas de gases
02 de efeito estufa para andar em um foguete durante trinta minutos, dezenas de povos
03 convivem com a possibilidade de perderem seus lares devido à elevação dos níveis
04 dos mares, consequência direta do aquecimento global. Essa situação não é um fenô-
05 meno isolado, mas sim retrato da lógica capitalista, na qual o desejo individual
06 prevalece sobre o bem comum. Dessa modo, enquanto uma minoria devasta o planeta
07 em seu benefício, populações socialmente vulneráveis tornam-se refugiadas ~~de~~
08 ambientais como consequência.

09 Em uma análise generalista, os países desenvolvidos, minorias no globo, são os
10 principais responsáveis pela degradação ambiental, uma vez que geram, diariamen-
11 te, toneladas de gases de efeito estufa na atmosfera pela queima de combustíveis
12 fósseis, base de sua cadeia produtiva. A partir disso, ao invés de combater
13 essa prática, o ex-presidente americano, Donald Trump, retirou o país de acordos
14 climáticos, sob a justificativa de que a redução da emissão de gases seria pre-
15 judicial à economia da potência. Logo, ao preferir o lucro à preservação am-
16 biental, fica evidente a valorização da lógica capitalista.

17 Consequentemente, no cenário instaurado, países mais pobres sofrem os
18 maiores impactos devido à sua vulnerabilidade social. Essa situação pode ser
19 corroborada a partir de dados que mostram a maior quantidade de refugii-
20 ados ambientais oriundos dessas regiões. Como exemplo, com a alteração da
21 temperatura dos oceanos, furacões passam a ser mais frequentes na faixa
22 Equatorial, e ao atingir países como o Haiti, profundamente fragilizado por
23 outros desastres ambientais, causa danos ainda maiores, impulsionando, assim,
24 um grande fluxo migratório de refugiados. Com isso, o modelo capitalista exis-
25 tente, mostra-se egoísta e desigual.

26 Portanto, enquanto a lógica capitalista comandar as questões ambientais,
27 o lucro será privilegiado em relação ao bem estar coletivo, mantendo o cenário dos
28 refugiados ambientais uma realidade para muitos. Talvez será possível ver o caos
29 da janelinha de um foguete de tamanha proporção que tomará.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 48

A natureza constitui a essência humana

A crise de refugiados ambientais, consequência direta da hodierna administração deletéria das nações em relação às questões que afetam a natureza, expõe o comportamento imoral e inconsequente de importantes líderes políticos que ignoram tal conjuntura em detrimento da exploração lucrativa das fontes de matéria-prima e dos meios de produção. Em face dessa postura egoísta, governos foram capazes de vilipendiar medidas e tratados que tinham o intuito de mitigar as catástrofes ambientais, como a não adesão ao Acordo de Paris e o não cumprimento das metas do Protocolo de Kyoto, aumentando, assim, a pegada de carbono sobre um planeta que já se encontra totalmente sem espaço para a impressão de mais marcas. E essa pegada é mais profunda, principalmente, sobre as regiões menos desenvolvidas, que não possuem um aparato tecnológico eficiente para lidar com impactos como alagamentos, ciclones, desmatamentos e escassez hídrica. Sob tal ótica, esse cenário revela que o deslocamento humano por mudanças climáticas é fruto de da ausência de um pensamento sustentável e responsável por parte de governos nefastos.

Precipuamente, convém ressaltar que segundo dados do jornal online “G1”, até 2050 a região do planeta que terá um maior número de refugiados climáticos é a África subsaariana, o que reflete, nitidamente, o modo como esse espaço foi usufruído ao longo da história. Acerca disso, cabe mencionar o conceito de “Ética da Aventura”, discutida no livro “Raízes do Brasil”, do pensador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, o qual enfatiza que o colonialismo europeu se alicerçou sobre um mecanismo de exploração que não visava a construção de uma base material e econômica sustentável e, muito menos, de uma cultura trabalhista digna, mas sim a apropriação imediata e descontrolada de recursos naturais e humanos. Dentro dessa lógica, o neocolonialismo do século XIX atingiu de maneira nociva o meio ambiente africano, ao explorar seus recursos minerais, derrubar suas florestas e oprimir suas culturas que estavam em consonância com o ciclo de vida da natureza. Assim, o panorama atual dessa área, marcado, por exemplo, pela desertificação e arenização do Sahel, evidencia a vulnerabilidade social que atinge povos que não enxergam outra solução a não ser sair do local de origem.

Outrossim, é imperativo pontuar que essa conjuntura é validada por políticas de controle do Estado sobre a vida das pessoas. Para ilustrar tal raciocínio, torna-se consentâneo trazer a ideia de “Necropolítica”, do sociólogo camaronês Achille Mbembe, o qual relata que há cidadãos vistos como abjetos pelo governo e que a supressão da condição de vida deles corresponde à potencialização da vida dos mais poderosos. Nesse viés, indivíduos com força política e econômica aplicam projetos de infraestrutura sem levar em conta os impactos negativos que trarão à manutenção da vida das comunidades locais, como se pode ver, no Brasil, com a construção de hidrelétricas (Sobradinho), de rodovias (Transamazônica) e com a exploração e expansão da fronteira agrícola sobre a região Norte, que forçam indígenas e ribeirinhos a deixarem suas terras de origem para sobreviverem.

Depreende-se, portanto, que uma mudança de postura por parte dos países, sobretudo os desenvolvidos, é indelével para frear os desastres ambientais e, conseqüentemente, a crise de refugiados, que, se não forem sanados, poderão reverberar por todo o mundo como uma ameaça a existência da vida humana.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 48

ATENÇÃO: Leia atentamente as instruções do enunciado de questões antes de preencher esta folha.

A natureza constitui a essência humana (Título)

A crise de refugiados ambientais, consequência direta da hegemônica administração deletéria dos países em relação às questões que afetam a natureza, expõe o comportamento moral e inconsequente de importantes líderes políticos que ignoram tal conformidade em detrimento da exploração lucrativa das fontes de matéria-prima e dos meios de produção. Em face dessa postura egoísta, governos ficam capazes de violar direitos, medidas e tratados que tinham o intuito de mitigar as catástrofes ambientais, como a não adesão ao Acordo de Paris e o não cumprimento das metas do Protocolo de Kyoto, aumentando, assim, a pegada de carbono sobre um planeta que já se encontra totalmente sem espaço para a impressão de mais marcas. É essa pegada, é mais profunda, principalmente, sobre as regiões menos desenvolvidas, que não possuem um aparato tecnológico eficiente para lidar com impactos como alagamentos, ciclones, desertificações e escassez hídrica. Só tal ótica, em cenário realista, que o deslocamento humano por mudanças climáticas é fruto de da ausência de um pensamento sustentável e responsável por parte de governos nefastos.

Principalmente, convém ressaltar que, segundo dados do jornal online "G1", até 2050 a região da planície que terá um maior número de refugiados climáticos é a África subsaariana, o que reflete, nitidamente, o modo como esse espaço foi usufruído ao longo da história. Acerca disso, cabe mencionar o conceito de "Ética da Aventura", discutido no livro "Raízes do Brasil", do pensador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, o qual enfatiza que o colonialismo europeu se dedicou a sobre um mecanismo de exploração que não visava a construção de uma base material e econômica sustentável e, muito menos, de uma cultura trabalhista digna, mas sim a apropriação imediata e descontrolada de recursos naturais e humanos. Dentro dessa lógica, o neocolonialismo do século XIX atingiu de maneira nociva o meio ambiente africano, ao explorar seus recursos minerais, destruir suas florestas e apagar suas culturas que estavam em consonância com o ciclo de vida da natureza. Assim, o panorama atual dessa área, marcado por exemplo, pela desertificação e aridização do Sahel, evidencia a vulnerabilidade social que atinge povos que não enxergam outra solução a não ser sair do local de origem.

Ostrosimim, é imperativo pontuar que essa conjuntura é validada por políticas de controle do Estado sobre a vida das pessoas. Para ilustrar tal raciocínio, torna-se conveniente trazer a ideia de "neopolítica", do sociólogo espanhol Achille Mbembe, o qual relata que há cidadãos vistos como objetos pelo governo e que a supressão da condição de vida deles corresponde à potencialização da vida dos mais poderosos. Nesse viés, indivíduos com força política e econômica aplicam projetos de infraestrutura, sem levar em conta os impactos negativos que terão à manutenção da vida das comunidades locais, como se pode ver, no Brasil, com a construção de hidrelétricas (Sobradinho), de rodovias (Transamazônica) e com a exploração e expansão da fronteira agrícola, sobre a região Norte, que forçou indígenas e ribeirinhos a deixarem seus territórios de origem para sobreviverem.

Depreende-se, portanto, que uma mudança de postura por parte dos países, sobretudo os desenvolvidos, é indelével para frear os desastres ambientais e, consequentemente, a crise de refugiados, que, se não forem sanados, poderão representar por todo o mundo como uma ameaça à existência da vida humana.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 48,5

O ciclo degradante de fragilização humana

No romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, retrata-se o cotidiano da família humilde de Fabiano, acometida periodicamente por episódios de seca, que obriga o grupo a migrar em busca da sobrevivência. De modo análogo ao retratado na obra, diversos indivíduos encontram-se na condição de refugiados ambientais. Essa conjuntura pode ser explicada pela ocorrência de fenômenos naturais degradantes à vida humana – como as mudanças climáticas, os alagamentos, os terremotos e muitos outros desastres ambientais –, intensificados por hábitos pouco sustentáveis, de maneira a obrigar a migração dessas pessoas. Assim, não apenas há maiores impactos àqueles sujeitos à vulnerabilidade social como também agrava-se a crise dos refugiados e a quantidade de seres socialmente fragilizados.

A princípio, destaca-se o impacto do estilo de vida do século XXI no agravamento dos desastres naturais e de suas consequências, responsáveis por intensificar a questão dos refugiados. Isto é, embora muitos eventos (como os abalos sísmicos e o vulcanismo) não dependam da ação antrópica, seus efeitos e os de outros eventos com influência humana (por exemplo, os alagamentos e as mudanças climáticas) poderiam ser mitigados pela adoção de um Desenvolvimento Sustentável. Esse conceito foi definido no Relatório de Brundtland – um documento, intitulado “Nosso Futuro Comum” – como um modelo de vida baseado na busca por progresso socioeconômico sem comprometer os recursos naturais disponíveis para o futuro. Todavia, a ascensão do consumismo e do modo de produção capitalista, baseado na exploração da natureza e das minorias sociais, contribui para o aumento do número de refugiados ambientais – sobretudo, integrantes desses grupos explorados.

Nesse sentido, é inegável a relação entre esses refugiados e a vulnerabilidade social. Tal assertiva justifica-se, pois as regiões onde habitam os “mais pobres e vulneráveis” – marcadas por infraestrutura, recursos públicos e condições de vidas mais precárias, como as da família de Fabiano – serão as primordialmente flageladas pelos desastres naturais, em especial, pelas mudanças climáticas, conforme destacou um relatório do Banco Mundial. Sob esse viés, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948, provê a igualdade e a fraternidade entre os seres, além da dignidade dos humanos. No entanto, a necessidade de refúgio por questões ambientais – sobretudo, entre os mais vulneráveis socialmente – consiste não só na violação dessas prerrogativas como também no agravamento das desigualdades e no aumento no número de vítimas dessa fragilidade social, porquanto muitos perdem todos os seus bens e todas as suas perspectivas de vida devido aos desastres.

Logo, nessa conjuntura, é possível depreender que a vulnerabilidade social atua como um precursor e como uma repercussão do fenômeno dos refugiados ambientais. Estes são vítimas das consequências de desastres naturais, cuja responsabilidade pode ser atribuída, parcialmente, ao modelo de vida insustentável de parcela da população. Por consequência, muitos indivíduos acometidos por essas ocorrências tornam-se socialmente vulneráveis, embora, na maioria dos casos, os mais atingidos sejam integrantes de uma minoria social fragilizada. Com isso, perpetua-se o episódios cíclicos e trágicos de retirantes como Fabiano e sua família.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 48,5

O ciclo degradante de fragilização humana
(Título)

01 No romance "Cidade de Deus", de Francisco Brown, retrata-se a realidade da família humilde de Sabino, assolada pe-
02 riodicamente por episódios de sua, que obriga o grupo a migrar em busca da sobrevivência. De modo análogo ao retrato
03 de sua obra, diversos indivíduos encontram-se na condição de refugiados ambientais. Essa conjuntura pode ser explicada
04 pela existência de fenômenos naturais degradantes à vida humana - como as mudanças climáticas, os alagamen-
05 tos, os terremotos e outros tipos de desastres ambientais - intensificados por hábitos pouco sustentáveis, de má gestão
06 dos recursos e migração de seres humanos. Assim, não ~~se~~ ^{apenas} há maiores impactos aqueles ligados à vulnerabilidade so-
07 cial como também, agravar-se a crise dos refugiados e a quantidade de seres socialmente fragilizados.

08 O conceito destaca-se o impacto da crise da vida do século XXI no agravamento dos desastres naturais e de suas
09 consequências, responsáveis por intensificar a questão dos refugiados. São, embora muitos eventos (como as ondas sísmi-
10 cas e a vulcanismo) não dependam da ação antrópica, seus efeitos e os de outros eventos, com influência humana ^{por exemplo,} como os alu-
11 gamentos e as mudanças climáticas podem ser mitigados pela adoção de um Desenvolvimento Sustentável. Esse conceito
12 foi definido na Declaração de Brundtland - um documento, intitulado "Nosso Futuro Comum" - como um modelo de vida
13 baseado na busca por progresso socioeconômico sem comprometer os recursos naturais disponíveis ^{para o} futuro. Todavia, a
14 adoção do consumismo e do modo de produção capitalista, baseada na exploração da natureza e das comunidades
15 locais, contribuiu para o aumento do número de refugiados ambientais - sobretudo, integrantes de grupos marginalizados.

16 Nesse sentido, é crucial a relação entre ^{tais como} os refugiados ambientais e a vulnerabilidade social. Sabemos que
17 há uma ligação entre as regiões onde habitam os "mais pobres e vulneráveis" - marcadas por infraestrutura, recursos fi-
18 nanceiros e condições de vida mais precárias, como as da família de Sabino - sendo as primordialmente flagela-
19 das pelos desastres naturais, em especial, pelas mudanças climáticas, conforme relatado em relatório da ONU
20 em 2012, sobre esse tema, a Declaração da Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948, prevê a igual-
21 dade e a fraternidade entre os seres, além da dignidade dos humanos. No entanto, a necessidade de refúgio
22 por questões ambientais, sobretudo entre os mais pobres e vulneráveis socialmente - consiste não só na evasão de
23 suas responsabilidades como também no agravamento das desigualdades e no aumento do número de vítimas de sua fra-
24 gilidade social, enquanto muitos perdem todos os seus bens e todas as suas perspectivas de vida devido aos desastres.

25 Logo, nessa conjuntura, é possível supor que a vulnerabilidade social atua como um pretexto e como
26 uma consequência dos fenômenos dos refugiados ambientais. Estes são vítimas das consequências de desastres natu-
27 rais, cuja responsabilidade pode ser atribuída, principalmente, ao modelo de vida insustentável de parcela da população.
28 Portanto, nas consequências, muitos indivíduos tornam-se socialmente vulnerá-
29 veis, embora, por meio das ações os mais atingidos sejam integrantes de uma minoria social fragilizada. Por-
30 tanto, perpetua-se o episódio cíclico e trágico de nativistas, como Sabino e sua família.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 50

A desigualdade que transforma a mãe em inimiga

No capítulo “O delírio” de Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis personifica a natureza a caracterizando como mãe e inimiga. Atualmente, essa relação dual exposta pelo escritor é exemplificada pelas mudanças climáticas e suas consequências, que são uma resposta mais dura da mãe natureza às atitudes humanas. Contudo, os impactos dessa complicada relação não se distribuem igualmente pela humanidade, fazendo com que os mais vulneráveis socialmente se tornem refugiados ambientais.

Nesse sentido, é importante analisar o papel dos países mais ricos e dos mais pobres nesse problema. A organização internacional Climate Science ensina, através de cursos relacionados à desigualdade climática, que as nações mais desenvolvidas são as que mais poluíram historicamente, porém são as menos afetadas pelas mudanças do clima. Isso pode ser comprovado por dados do Relatório Groundswell, do Banco Mundial, os quais apontam que as regiões que produzirão refugiados climáticos até 2050 serão a África subsaariana e do Norte, o sul e leste da Ásia e a América Latina.

Ademais, deve-se observar que os países mais ricos, além de serem os principais responsáveis pelo aquecimento global, são também causadores das drásticas situações, que originam maior vulnerabilidade social e refugiados ambientais, nos países mais pobres. Essa realidade é retratada no documentário baseado em entrevistas do geógrafo Milton Santos, “A Globalização Vista do Lado de Cá”, que mostra as consequências, pela visão do latino-americanos, da colonização da América, do neocolonialismo e das contínuas intervenções das potências globais nas economias dos países subdesenvolvidos, como a tentativa de transnacionais de privatizarem a água em uma região da Colômbia, que prejudicaria os mais pobres no início do séc. XXI. Dessa forma, nota-se que a falta de estrutura presente nesses países são consequências dessas contínuas explorações.

Logo, conclui-se que os refugiados ambientais são consequência de uma relação desarmônica com a natureza e da desigualdade entre países, que enriquece alguns países, fragilizando outros, causando problemas de infraestrutura nos segundos, o que não permite que eles se preparem para as mudanças climáticas. Assim, é vital que a humanidade reflita sobre as relações entre países e com o meio ambiente, para que a natureza não precise mostrar sua faze mais dura, sendo finalmente apenas mãe.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - FUVEST

Nota: 50

A desigualdade que transforma a mãe em inimiga
(Título)

01 No capítulo "O delírio" de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de
02 Assis personifica a natureza a caracterizando como mãe e inimiga. Atualmente, essa
03 relação dual exposta pelo escritor é exemplificada pelas mudanças climáticas e suas
04 consequências, que são uma resposta mais dura da mãe natureza às atitudes hu-
05 manas. Contudo, os impactos dessa complicada relação não se distribuem igualmente
06 pela humanidade, fazendo com que os mais vulneráveis socialmente se tornem refugiados
07 ambientais.

08 Neste sentido, é importante analisar o papel dos países mais ricos e dos mais
09 pobres nesse problema. A organização internacional Climate Science embina, através de
10 estudos relacionados à desigualdade climática, que os países mais desenvolvidos são os
11 que mais poluíram historicamente, porém são os menos afetados pelas mudanças de clima.
12 Isso pode ser comprovado por dados da Relatório Paundouell, da Banca Mundial, ^{os quais} ~~que~~ apor-
13 tam que os países que mais produziram refugiados climáticos até 2050 serão a
14 África subsaariana e do Norte, o sul e leste da Ásia e a América Latina.

15 Ademais, deve-se observar que os países mais ricos, além de serem os principais res-
16 ponsáveis pelo aquecimento global, são também causadores das drásticas situações, que
17 originam maior vulnerabilidade social e refugiados ambientais, nos países mais pobres. Essa
18 realidade é retratada no documentário baseado em entrevistas do geógrafo Milton Santos, "A
19 Globalização Vista do Lado de Lá", que mostra as consequências, pela visão dos latino-ameri-
20 canos, da colonização da América, do neocolonialismo e das contínuas intervenções das potências
21 globais nas economias dos países subdesenvolvidos, como a tentativa de transações
22 de privatização da água em uma região da Colômbia, que prejudicaria os mais pobres no início
23 do séc. XXI. ~~Desse~~ Dessa forma, nota-se que a falta de estrutura presente nesses
24 países são consequências dessas contínuas explorações.

25 Logo, conclui-se que os refugiados ambientais são ~~uma~~ consequência de uma rela-
26 ção desarmônica com a natureza e da desigualdade entre países, que enriquece alguns
27 países, fragilizando outros, causando problemas de infraestrutura nos segundos, e
28 que não permite que eles se preparem para as mudanças climáticas. Assim, é vital que
29 a humanidade reflita sobre as relações entre países e ^{com} ~~entre~~ o mais ambiente, para que
30 a ^{natureza} ~~matéria~~ não precise mostrar sua face mais dura, sendo finalmente ~~apenas~~ mãe.

PROPOSTA DE REDAÇÃO- ENEM



enem2022

Exame Nacional do Ensino Médio

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta preta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para a contagem de linhas.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente";
 - 4.2. fugir ao tema ou não atender ao tipo dissertativo-argumentativo;
 - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto;
 - 4.4. apresentar nome, assinatura, rubrica ou outras formas de identificação no espaço destinado ao texto.

TEXTO I

Você sabe quais são as comunidades e os povos tradicionais brasileiros? Talvez indígenas e quilombolas sejam os primeiros que passam pela cabeça, mas, na verdade, além deles, existem 26 reconhecidos oficialmente e muitos outros que ainda não foram incluídos na legislação.

São pescadores artesanais, quebradeiras de coco babaçu, apanhadores de flores sempre-vivas, caatingueiros, extrativistas, para citar alguns, todos considerados culturalmente diferenciados, capazes de se reconhecerem entre si.

Para uma pesquisadora da UnB, essas populações consideram a terra como uma mãe, e há uma relação de reciprocidade com a natureza. Nessa troca, a natureza fornece "alimento, um lugar saudável para habitar, para ter água. E elas se responsabilizam por cuidar dela, por tirar dela apenas o suficiente para viver bem e respeitam o tempo de regeneração da própria natureza", diz.

Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 17 jun. 2022 (adaptado).

TEXTO II

Povos tradicionais do Brasil

Estados com a maior concentração de famílias



Fonte: Ministério Público Federal.
Infográfico elaborado em: 25/10/2019.

Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 17 jun. 2022 (adaptado).

TEXTO III

Povos e comunidades tradicionais

O Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) preside, desde 2007, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), criada em 2006. Fruto dos trabalhos da CNPCT, foi instituída, por meio do Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2017, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). A PNPCT foi criada em um contexto de busca de reconhecimento e preservação de outras formas de organização social por parte do Estado.

Disponível em: <http://mds.gov.br>. Acesso em: 17 jun. 2022 (adaptado).

TEXTO IV

Carta da Amazônia 2021

Aos participantes da 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26)

Não podia ser mais estratégico para nós, Povos Indígenas, Populações e Comunidades Tradicionais brasileiras, reafirmarmos a defesa da sociobiodiversidade amazônica neste momento em que o mundo volta a debater a crise climática na COP26. Uma crise que atinge, em todos os contextos, os viventes da Terra!

Nossos territórios protegidos e direitos respeitados são as reivindicações dos movimentos sociais e ambientais brasileiros.

Não compactuamos com qualquer tentativa e estratégia baseada somente na lógica do mercado, com empresas que apoiam legislações ambientais que ameaçam nossos direitos e com mecanismos de financiamento que não condizem com a realidade dos nossos territórios.

Propomos o que temos de melhor: a experiência das nossas sociedades e culturas históricas, construídas com base em nossos saberes tradicionais e ancestrais, além de nosso profundo conhecimento da natureza.

Inovação, para nós, não pode resultar em processos que venham a ameaçar nossos territórios, nossas formas tradicionais e harmônicas de viver e produzir.

Amazônia, Brasil, 20 de outubro de 2021.

Entidades signatárias: CNS; Coiab; Conaq; MIQCB; Coica; ANA Amazônia e Confrem

Disponível em: <https://s3.amazonaws.com>. Acesso em: 17 jun. 2022 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 920

No livro "Contos de povos indígenas brasileiros", Daniel Mundurukum, educador e escritor, retrata e tematiza múltiplas histórias das culturas indígenas nacionais. Assim, nota-se a sua necessária atuação na difusão de conhecimentos extremamente importantes para o acesso e a valorização de algumas das inúmeras comunidades tradicionais do Brasil. No entanto, embora fundamental para a construção identitária da nação, tais povos fundadores são vítimas de uma falta de reconhecimento sustentada por um histórico de segregação socioespacial e pelo agronegócio.

De acordo com dados publicados pelo Ministério Público Federal, os povos tradicionais, como extrativistas, pescadores, quilombolas, ribeirinhos e indígenas, concentram-se majoritariamente nas regiões Norte e Nordeste, sendo estas, segundo o geógrafo Milton Santos, as mais atrasadas em relação aos parâmetros da Revolução Técnico-científico informacional. Desse modo, determinada conjuntura dificulta a plena interculturalidade dessas com as demais regiões brasileiras, gerando uma exclusão que as definem por valores e pensamentos externos, uma vez que, aqueles que detém o poder das informações, resumem e singularizam os conhecimentos de outrem, como proposto pela africana Chimamanda Ngozi em "O perigo de uma única história".

Ademais, segundo Hannah Arendt, educar-se é possuir a dignidade de conhecer seus antepassados. Dessa forma, nota-se que práticas direcionadas unicamente pelo princípio capitalista, como o agronegócio insustentável, vai de encontro àquilo exposto pela filósofa. Destarte, evidenciou-se tal cenário com o assassinato de Chico Mendes, grande ativista defensor da preservação de reservas indígenas, que lutava contra aqueles movidos pela lógica do mercado, dispostos a destruírem o restante das moradias desses povos originários e, por conseguinte, suas culturas e ensinamentos para ações meramente comerciais e lucrativas. Logo, ações como a plantação de soja e a criação de gado sem um viés ambiental, presentes na mentalidade das sociedades originárias, são responsáveis pela privação da educação e dignidade dos brasileiros.

Portanto, diante do cenário de desvalorização desses grupos, fazem-se imprescindíveis medidas que contribuam para o seu revertério. Para isso, cabe ao Ministério do Desenvolvimento social promover cursos e palestras nos ambientes digitais, por meio da convocação de personalidades voluntárias das populações fundadoras para o compartilhamento de seus saberes e suas experiências. Dessarte, essas atitudes terão por finalidade, propagar os valores e as histórias dos ancestrais responsáveis por formar e integrar uma sociedade tão distinta e pluralizada como a desse país.

C1. 160; C2. 200; C3. 160; C4. 200; C5. 200

REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 920

FOLHA DE REDAÇÃO		029	
EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO - ENEM 2022			
Nome completo do Participante: [REDACTED]		INSTRUÇÕES	
Nº de Inscrição: [REDACTED]		1. Verifique se o seu CPF, o seu nome e a sua data de nascimento estão corretos e assine no local indicado.	
CPF: [REDACTED]	Data de Nascimento: [REDACTED]	2. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.	
Assinatura do Participante [REDACTED]		3. Não haverá substituição desta FOLHA DE REDAÇÃO por erro de preenchimento do Participante.	
		4. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.	
		5. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.	
1	No livro "Contos de povos indígenas brasileiros", Daniel Mundurukú, educador e escritor, retrata		
2	e tematiza múltiplas histórias das culturas indígenas nacionais. Assim, nota-se a sua necessária		
3	atuação na difusão de conhecimentos extremamente importantes para o acesso e a valorização de		
4	algumas das inúmeras comunidades tradicionais do Brasil. No entanto, embora fundamental		
5	para a construção identitária da nação, tais povos fundadores são vítimas de uma falta de		
6	reconhecimento sustentada por um histórico de segregação socioespacial e pela apogneogic		
7	De acordo com dados publicados pelo Ministério Público Federal, os povos tradicionais, como ex		
8	trativistas, pescadores, quilombolas, ribeirinhos e indígenas, concentram-se majoritariamente		
9	nas regiões Norte e Nordeste, sendo estas, segundo o geógrafo Milton Santos, as mais at		
10	badas em relação aos parâmetros da Revolução Técnica-científica-informacional. Desse modo,		
11	determinada conjuntura dificulta a plena interculturalidade dessas com as demais regiões		
12	brasileiras, gerando uma exclusão que as define por valores e pensamentos externos, um		
13	vez que, aqueles que detêm o poder das informações, resumem e singularizam os conhecimentos		
14	de outros, como proposto pela africana Chimamanda Ngozi em "O perigo de uma única história".		
15	Ademais, segundo Hannah Arendt, educar-se é possuir a dignidade de conhecer seus antepas-		
16	sados. Dessa forma, nota-se que práticas direcionadas unicamente pelo princípio capitalista,		
17	como a apogneogic insustentável, vai de encontro àquilo exposto pela filosofia. Destarte, é eviden		
18	ciou-se tal cenário como assassinato de Chico Mendes, grande ativista defensor da preservação		
19	de reservas indígenas, que lutava contra aqueles movidos pela lógica do mercado, dispostos a		
20	destruir o restante das moradias desses povos originários e, por conseguinte, suas cultu		
21	ras e ensinamentos para ações meramente comerciais e lucrativas. Logo, ações como a plan		
22	tação de soja e a criação de opds sem um viés ambiental, apresentam a mentalidade das socied		
23	des originárias, responsável pela privação da educação e dignidade dos brasileiros.		
24	Portanto, diante do cenário de desvalorização desses grupos, fazem-se imprescindíveis me		
25	didas que contribuam para o seu resgate. Para isso, cabe ao Ministério do Desenvolvimento		
26	social promover cursos e palestras nos ambientes digitais, por meio da convocação de pe		
27	sonalidades voluntárias das populações fundadoras para o compartilhamento de seus sabi		
28	res e suas experiências. Dessaarte, essas atitudes têm por finalidade, propagar os va		
29	lores e as histórias dos ancestrais responsáveis por formar e integrar uma socieda		
30	de tão distinta e pluralizada como a desse país.		

REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 960

A primeira fase do Romantismo no Brasil foi caracterizada pela valorização dos povos nativos, por isso ficou conhecida como fase indianista. O escritor José de Alencar foi um dos expoentes dessa tradição literária, como é visto em sua obra "Iracema", na qual a índia Iracema é idealizada ao longo de todo enredo. Entretanto, as comunidades tradicionais atuais enfrentam problemáticas em torno de sua desvalorização, em razão do modelo educacional brasileiro que não prioriza tais grupos tradicionais, além da devastação dos elementos naturais das zonas de habitação dessa parcela da população.

O sistema de educação brasileiro marginaliza o saber acerca da história e da cultura dos povos tradicionais, desvalorizando-os diante do cenário nacional. Ao longo da consolidação das bases educacionais no Brasil, os aspectos históricos, sociológicos e culturais das potências europeias ganharam destaque no conhecimento da população, deteriorando a importância dos saberes das sociedades tradicionais. Tal realidade é observada desde o período colonial, no qual o ensino fornecido pelos jesuítas desmoralizava as características dos nativos, uma vez que a língua portuguesa e a incorporação das tradições cristãs foram obrigatórias nas escolas da época. Com isso, o conhecimento a respeito da cultura e da história dos povos tradicionais foram colocadas em segundo plano, contribuindo para a falta de valorização dessas comunidades que compõem a identidade nacional.

Ademais, a destruição do meio ambiente e a desconsideração do valor da população tradicional, pois esses povos dependem da preservação ambiental para garantir sua sobrevivência por meio da agricultura de subsistência e pesca. Dados divulgados pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) mostram que nos últimos anos houve um avanço das queimadas na região da floresta amazônica em razão da expansão da fronteira agrícola, o que prejudica a preservação dos recursos naturais e, conseqüentemente, o desenvolvimento da população indígena, importante comunidade tradicional do país, uma vez que mais da metade das famílias indígenas habitam a Amazônia, segundo gráficos fornecidos pelo Ministério Público Federal. Logo, a não garantia do direito ao meio ambiente preservado, previsto na Constituição Federal, prejudica a existência dos povos típicos do Brasil.

Portanto, o descompromisso da educação no Brasil com os povos tradicionais e a devastação do meio ambiente são indícios da desvalorização desses povos. Assim, é de suma importância que o Ministério da Educação (órgão responsável pelo ensino) aborde mais aspectos sobre a tradição e a relevância desses povos no ambiente escolar. Tal medida deverá ser realizada por meio da inserção de matérias acerca de cada uma das comunidades na Base Comum Curricular, a fim de criar uma consciência coletiva a respeito do elevado valor desses povos na sociedade brasileira.

C1: 160; C2: 200; C3: 200; C4: 200; C5: 200

REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 960

1 A primeira fase do Romantismo no Brasil foi caracterizada pela idealização dos povos nativos; por isso
2 ficou conhecida como fase indianista. O escritor José de Alencar foi um dos expoentes dessa tradição
3 literária, como é visto em sua obra "Tracemá", na qual a índia Tracemá é idealizada ao longo de to-
4 do enredo. Entretanto, as comunidades tradicionais atuais enfrentam problemáticas em torno de
5 sua desvalorização, em razão da modelo educacional brasileira que não prioriza tais grupos tradicionais,
6 além da devastação dos elementos naturais dos zonas de habitação dessas populações.
7 O sistema de educação brasileiro marginaliza o valor acerca da história e da cultura dos povos
8 tradicionais, desvalorizando-os, diante da crença nacional. Ao longo da consolidação das bases
9 educacionais do Brasil, os aspectos históricos, raciais e culturais das potências europeias
10 ganharam destaque no conhecimento da população, determinando a importância dos valores sobre
11 as sociedades tradicionais. Tal realidade é observada desde o período colonial, no qual o ensino for-
12 necido pelos jesuítas desvalorizava as características dos nativos. Uma vez que a língua portu-
13 guesa e a incorporação das tradições cristãs foram obrigatórias nas escolas da época. Com isso, o ven-
14 ticamento a respeito da cultura e da história dos povos tradicionais foram colocados em segundo
15 plano, contribuindo para a falta de valorização dessas comunidades que compõem a identidade nacional.
16 Ademais, com a destruição do meio ambiente ocorre a descondição da valor da população tradicional,
17 pois esses povos dependem da preservação ambiental para garantir sua sobrevivência por meio da agricul-
18 tura de subsistência e a pesca. Dados divulgados pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)
19 mostram que nas últimas anos houve um aumento das queimadas na região da floresta Amazônica em
20 razão da expansão da fronteira agrícola, o que prejudica a preservação dos recursos naturais e, con-
21 sequentemente, o desenvolvimento da população indígena, importante comunidade tradicional do país,
22 uma vez que mais da metade das famílias indígenas habitam a Amazônia, segundo gráficos forneci-
23 dos pelo Ministério Público Federal. Logo, a não garantia do direito ao meio ambiente pre-
24 servado, previsto na Constituição Federal, prejudica a existência dos povos típicos do Brasil.
25 Portanto, a descondição da educação no Brasil com os povos tradicionais e a devastação do meio am-
26 biente são indicies da desvalorização desses povos. Assim, é de suma importância que o Ministério da Educação
27 seja responsável por analisar ainda mais aspectos sobre a tradição e a importância desses povos no ambi-
28 entescalar. Tal medida deverá ser realizada por meio da inclusão de matérias acerca de cada uma das
29 comunidades na Base Comum Curricular, a fim de criar uma consciência coletiva a respeito do legado
30 dos povos tradicionais na sociedade brasileira.



REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 980

Em sua obra “Macunaíma”, o escritor brasileiro Mario de Andrade destacou a variedade da cultura brasileira, com o objetivo de construir uma identidade nacional. Em uma estrutura de colagem, esse romance trouxe à tona a riqueza de saberes do Brasil, desde o folclore nacional ao cotidiano de comunidades ribeirinhas. A partir dessa perspectiva, é possível observar que a sociedade contemporânea brasileira se distancia desse olhar inclusivo, uma vez que há uma desvalorização de povos tradicionais no país. Nesse sentido, é essencial analisar os principais motivadores desse contexto hostil: a ausência de identidade nacional e o descaso escolar.

Primeiramente, é válido destacar que a falta de senso de pertencimento como nação colabora para a marginalização de culturas minoritárias. Isso acontece, pois, de acordo com o historiador brasileiro Caio Prado Júnior, a conjuntura de formação do Brasil como colônia de exploração - a qual proporcionava lucros exportáveis pelo exercício restrito à metrópole, através do desgaste populacional - cristalizou um sentimento subalterno a valores dominantes, como, nesse caso, a tradição portuguesa. Em decorrência dessa submissão cultural, criou-se um ambiente propício para o apagamento das culturas minoritárias na composição da sociedade, a exemplo de tradições ribeirinhas, indígenas e africanas. Desse modo, com a ausência de criticidade diante da herança colonial, a nação marginaliza milhares de saberes e de ensinamentos do mosaico nacional.

Além disso, convém ressaltar que a lacuna do sistema educacional potencializa a invisibilidade acerca das comunidades tradicionais brasileiras. Esse cenário ocorre porque, assim como analisou o educador brasileiro Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, o modelo das escolas, ao se orientar por matérias demasiadas de fórmulas e de teorias de cultura dominante, distância a relevância da realidade social do estudante, a exemplo de alunos inseridos em famílias com tradições de artesanato e de extrativismo. Nesse aspecto, à medida que se propaga apenas o ensinamento de valores com prestígio social - considerados cultura “universal” -, há a exclusão dos demais saberes tradicionais e ancestrais na mentalidade brasileira. Dessa forma, a indiligência das instituições de ensino condena o esquecimento a milhares de culturas minoritárias.

Torna-se evidente, portanto, que é fundamental reavaliar comportamentos socioculturais para a valorização de comunidades tradicionais no Brasil. Nesse viés, cabe às plataformas midiáticas proporcionarem a visibilidade a culturas marginalizadas, por meio de documentários e de matérias jornalísticas. Somado a isso, o Ministério da Educação deve incrementar abordagens inclusivas sobre os povos tradicionais, através da abertura da grade curricular. Isso pode ocorrer, por exemplo, mediante a parcerias com ONGs e campanhas sociais, a fim de conscientizar os estudantes acerca da importância de comunidades minoritárias na história da nação. Talvez, assim, o romance de Andrade poderá voltar a ser uma lembrança, e não um símbolo crítico da realidade brasileira.

C1: 180; C2: 200; C3: 200; C4:200 C5: 200

REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 980

1 Em sua obra "Mauanã", o escritor brasileiro Mário de Andrade destaca a variedade da cultu-
2 ra brasileira, com o objetivo de construir uma identidade nacional. Em uma estrutura de colagem, o
3 romance trouxe à tona a riqueza de saberes do Brasil, desde o folclore nacional ao cotidiano de co-
4 munitades ribeirinhas. A partir dessa perspectiva, é possível observar que a sociedade contemporânea brasilei-
5 ra se distancia desse ethos inclusive, uma vez que há uma desvalorização de povos tradicionais no ~~Brasil~~ país. Neste
6 sentido, é essencial analisar os principais marcos desse contexto histórico: a ausência de identidade nacional e
7 o discurso excludente.

8 Primeiramente, é válido destacar que a falta de senso de pertencimento como nação colabora para a
9 marginalização de culturas minoritárias. Isso acontece, pois, de acordo com o historiador brasileiro Laís Pa-
10 do Junior, a conjuntura de formação do Brasil como colônia de exploração - a qual proporcionou diversos
11 expatriados pelo exercício exercido à metrópole, através do desajuste populacional - cristalizou um sentimento
12 simultâneo a valores dominantes, como, nesse caso, a tradição portuguesa. Em decorrência desse sincretismo cultural,
13 criou-se um ambiente propício para o apagamento das culturas minoritárias na composição da sociedade, a
14 exemplo de tradições ribeirinhas, indígenas e africanas. Deste modo, com a ausência de criticidade diante do heran-
15 ça colonial, a nação marginaliza milhares de saberes e de ensinamentos da memória nacional.

16 Além disso, convém ressaltar que o laço do sistema educacional potencializa a invisibilidade acerca das
17 comunidades tradicionais brasileiras. Esse cenário ocorre, porque, assim como analisou o educador brasileiro
18 Paulo Freire, em sua obra "Pedagogia do Oprimido", o modelo das escolas, ao se orientar por métodos desmatados
19 de fórmulas e de teor de cultura dominante, distorce a relação da realidade social do estudante, a exemplo
20 de alunos matriculados em famílias com tradições de autoritarismo e de exclusivismo. Neste aspecto, a medida que se pre-
21 paga, apenas o ensinamento de valores com prestígio social - conhecidos cultura "universal" -, há a exclusão dos
22 demais saberes ~~tr~~ tradicionais e ancestrais na mentalidade brasileira. Desta forma, a indolência das insti-
23 tuições de ensino condena o esquecimento a milhares de culturas minoritárias.

24 Torna-se evidente, portanto, que é fundamental revalorizar competentemente heroculturais para a valorização de
25 comunidades tradicionais no Brasil. Nesse viés, cabe às plataformas midiáticas proporcionarem a visibilidade a cultu-
26 ras marginalizadas, por meio de documentários e de matérias jornalísticas. Além disso, o Ministério da Educação
27 deve incrementar abordagens inclusivas sobre os povos tradicionais, através do ensino da grade curricular. Isso
28 pode ocorrer, ~~ex~~ ^{por} exemplo, mediante a parceria com ONGs e organizações sociais, a fim de proporcionar os
29 estudantes acerca da importância de comunidades minoritárias na história ~~do~~ da nação. Talvez, assim, o
30 romance de Andrade possa voltar a ser uma lembrança, e não um símbolo crítico da realidade brasileira.



REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 980

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 1992, sediada no Rio de Janeiro, o líder ambientalista Chico Mendes chamou a atenção do mundo todo para a Amazônia ao denunciar os conflitos existentes na região e que tem como vítimas as populações tradicionais, principais responsáveis pela conservação direta desse bioma. Porém, trinta anos depois, os conflitos ainda são frequentes e continuam a ameaçar a vida daquelas e seus modos de vida. Essa situação tem como causas o avanço da fronteira de atividades econômicas ligada à terra e a ineficiência do Estado em proteger essas populações, o que evidencia a desvalorização das comunidades e povos tradicionais no Brasil.

Em uma primeira análise, as atividades econômicas como o agronegócio, mineração e o comércio ilegal de madeira têm avançado para as regiões Norte e Nordeste, onde está a maior parte dos povos tradicionais brasileiros. Deste modo, o fenômeno é o principal fator para a existência de conflitos pois depende da apropriação de terras já ocupadas por indígenas extrativistas e quilombolas, por exemplo. Tal questão foi evidenciada pela notícia, veiculada globalmente, do assassinato de Dom Phillips e Bruno, jornalista e indigenista, respectivamente, por pessoas ligadas a atividades ilegais em territórios indígenas. Logo, ao priorizar atividades econômicas ao invés da vida das comunidades tradicionais, é perceptível a desvalorização dessas.

Ademais, diante desses conflitos, o Governo torna-se omissivo ao não garantir o direito dos povos tradicionais à terra, presente na Constituição de 1988. Embora a demarcação de terras, a criação de Reservas Ambientais e a garantia de integridade dessas estejam previstas por leis, não há fiscalização adequada para impedir a apropriação ilegal, uma vez que, com base em dados do INPE e das polícias estaduais e Federal, o desmatamento e o número de vítimas fatais do conflito por territórios vêm aumentando nos últimos anos. Assim, ao ser ineficiente no cumprimento da Constituição, o Estado colabora para a desvalorização de populações tradicionais.

Portanto, diante dos desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, ocasionados pelos interesses econômicos de alguns setores e pela ineficiência estatal, medidas são urgentes. Cabe ao Ministério do Meio Ambiente intensificar a fiscalização nos territórios demarcados, por meio do aumento de investimentos nos órgãos ligados a ele, como ICMBio e Ibama, a fim de impedir as atividades ilegais e garantir o pleno acesso à terra dessas populações. Com isso, os conflitos denunciados por Chico Mendes serão finalmente superados.

C1: 180; C2: 200; C3: 200; C4: 200 C5: 200

REDAÇÃO DOS APROVADOS - ENEM

Nota 980

1	Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 1992, sediada no Rio de Ja-
2	neiro, o líder ambientalista Chico Mendes chamou a atenção do mundo todo para a Amazônia ao
3	denunciar os conflitos existentes na região e que tem como vítimas as populações tradicionais, prin-
4	cipais responsáveis pela conservação direta desse bioma. Porém, trinta anos depois, os conflitos ainda são
5	frequentes e continuam a ameaçar a vida daquelas e seus modos de vida. ^{Essa} (Essa) situação tem como
6	causas o avanço da fronteira de atividades econômicas ligadas à terra e a ineficiência do Estado
7	em proteger essas populações, o que evidencia a desvalorização das comunidades e povos tradici-
8	onais no Brasil.
9	Em uma primeira análise, as atividades econômicas como o agronegócio, mineração e o comércio
10	legal de madeira têm avançado para as regiões Norte e Nordeste, onde está a maior parte dos povos
11	tradicionais brasileiros. Deste modo, o fenômeno é o principal fator para a existência de conflitos
12	pois depende da ^{apropriação} (ocupação) de terras já ocupadas por indígenas, extrativistas e quilombolas, por exem-
13	plu. Tal questão foi evidenciada pela notícia, veiculada globalmente, do assassinato de Dom Philips
14	e Bruno, jornalista e indigenista, respectivamente, por pessoas ligadas a atividades ilegais em territó-
15	rios indígenas. Logo, ao priorizar atividades econômicas ao invés da vida das comunidades tradi-
16	cionais, é perceptível a desvalorização dessas.
17	Ademais, diante desses conflitos, o Governo torna-se omissor ao não garantir o direito dos
18	povos tradicionais à terra, presente na Constituição de 1988. Embora a demarcação de terras,
19	a criação de Reservas Ambientais e a garantia de integridade dessas estejam previstas por leis,
20	não há fiscalização adequada para impedir a apropriação ilegal, uma vez que, com base em dados
21	do INPE e das polícias estaduais e Federal, o desmatamento e (em) o número de vítimas fatais do
22	conflito por territórios vêm aumentando nos últimos anos. Assim, ao ser ineficiente no cum-
23	primento da Constituição, o Estado colabora para a desvalorização das populações tradicionais.
24	Portanto, diante dos desafios para a valorização d ^e comunidades e povos tradicionais no
25	Brasil, ocasionados pelos interesses econômicos de alguns setores e pela ineficiência estatal, me-
26	didadas são urgentes. Cabe ao Ministério do Meio Ambiente intensificar a fiscalização nos territó-
27	rios demarcados, por meio do aumento de investimentos nos órgãos ligados a ele, como ICMBio e
28	Ibama, a fim de impedir as atividades ilegais e garantir o pleno acesso à terra dessas popula-
29	ções. Com isso, os conflitos denunciados por Chico Mendes serão finalmente superados.
30	